



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

BRUNA BIGONHA SOUTO

**SIGNIFICAÇÕES DA MÚSICA SERTANEJA PARA JOVENS: RELAÇÕES
SOCIAIS, AFETIVIDADE E “SOFRÊNCIA” NO COTIDIANO**

Brasília

2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**SIGNIFICAÇÕES DA MÚSICA SERTANEJA PARA JOVENS: RELAÇÕES
SOCIAIS, AFETIVIDADE E “SOFRÊNCIA” NO COTIDIANO**

Autor: Bruna Bigonha Souto

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de
Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em
Sociologia. Orientador: Prof. Dr. Edson Silva de Farias

Brasília
2025

BRUNA BIGONHA SOUTO

**SIGNIFICAÇÕES DA MÚSICA SERTANEJA PARA JOVENS: RELAÇÕES
SOCIAIS, AFETIVIDADE E “SOFRÊNCIA” NO COTIDIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em Sociologia

. BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Silva de Farias
Orientador

Prof. Dr.
Saulo Nepomuceno de Araújo

Aprovado em: Brasília,

Ao meu avô Antonio - grande apreciador de música e ao meu avô Jesus – sempre valorizou o estudo e o conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, inicialmente, à Universidade de Brasília por me proporcionar os mais diversos aprendizados ao longo da minha trajetória acadêmica. Agradeço minha mãe Roberta e meu pai Igor que são meu apoio e incentivo em todos os momentos. À toda minha família, em especial, às minhas avós Helena e Ana Luiza, por me passarem seus conhecimentos de música e arte. Indispensável o agradecimento às minhas amigas Fernanda, Isabelle, Jordana e Juliana que caminham comigo, hoje e sempre. Por fim, gostaria de agradecer ao professor Edson, por tornar possível e me incentivar à realização do presente trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender os significados do sertanejo para jovens em conexão com relações sociais, laços afetivos familiares, sociabilidade em grupo, memórias e lembranças construídas a partir de interações. Por meio da revisão de bibliografia pertinente foi destacada a relevância do sertanejo enquanto fenômeno cultural no país e sua trajetória histórica e mercadológica, enfatizando alguns momentos da música como o “modão”, o sertanejo universitário e o feminejo. “Sentido” e “significado”, “sociabilidade”, “casa”, “pessoa”, “pedaço” e “circuito” são os conceitos base para a elaboração da análise dos resultados. A metodologia qualitativa, em específico a entrevista semiestruturada se demonstrou a mais adequada para a pesquisa. Foram 26 participantes com o foco predominante em jovens que moram no Distrito Federal. A apresentação dos resultados e sua análise se deu por meio da separação em 3 eixos baseados na abrangência das categorias. Os eixos são: Origens e conexões regionais; Cotidiano e memória afetiva; Sociabilidade e espaços de lazer. Os resultados mostraram que os 26 participantes têm conexões emocionais, memórias afetivas, sentimentos de pertencimento e construção de identidade com o ritmo musical trabalhado. Os entrevistados se conectam com o sertanejo através da afetividade familiar do cotidiano, pela influência de amigos, o gosto pela “sofrência”, assim como, através da sociabilidade dos bares e shows que tocam o ritmo. O sertanejo é permeado por memórias, lembranças que são criadas a partir das interações e relações que o estilo musical promove.

Palavras-chave: Música Sertaneja. Juventude. Relações sociais. Memória afetiva. Sociabilidade

ABSTRACT

The present research aims to understand the meanings of sertanejo music for young people in connection with social relationships, family emotional bonds, group sociability, memories, and recollections built through interactions. Through a review of relevant literature, the study

highlights the importance of sertanejo as a cultural phenomenon in Brazil, as well as its historical and market trajectory, emphasizing key moments in the genre such as the modão, sertanejo universitário, and feminejo. The concepts of "sense" and "meaning," "sociability," "home," "person," "piece," and "circuit" are the foundational concepts for the analysis of the results. The qualitative methodology, specifically semi-structured interviews, proved to be the most suitable for the research. There were 26 participants, with a predominant focus on young people living in the Federal District. The presentation of the results and their analysis was carried out by dividing them into three axes based on the scope of the categories. The axes are: Origins and regional connections; Daily life and affective memory; Sociability and leisure spaces. The results showed that the 26 participants have emotional connections, affective memories, feelings of belonging, and identity construction with the musical genre studied. The interviewees connect with sertanejo through the family affection of daily life, the influence of friends, the taste for "sofrência", as well as through the sociability of bars and shows that play this genre. Sertanejo is permeated by memories and recollections that are created from the interactions and relationships that the musical style promotes.

Keywords: Seratanejo Music. Youth. Social relationships. Affective memory. Sociability.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	8
INTRODUÇÃO	9
a) A popularidade do ritmo sertanejo entre jovens	10

b) Trajetória da música sertaneja	12
b.1 Origem	12
b.2 O Público	13
b.3 Estilos e Mudanças	14
c) Sertanejo universitário: público e mercado	18
CAPÍTULO 2 - MÚSICA SERTANEJA, INDÚSTRIA CULTURAL E CRÍTICAS	234
a) Sociologia da música	27
b)4 Significados e interações sociais	27
CAPÍTULO 3 – CASA, PEDAÇO E CIRCUITO: USOS CULTURAIS EM INTERAÇÕES	32
a)Metolodologia	35
a.1. Questionário	37
a.2 Entrevistas	35
b)	
Resultados	38
Eixo 1 – Origens e conexões regionais	38
Eixo 2 - Cotidiano e memória afetiva	46
Eixo 3 - Sociabilidade e espaços de lazer	60
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	68
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	68

PRÓLOGO

As minhas motivações para a escolha do tema, vêm de um lugar de curiosidade sobre o que me era distante até a realização da presente pesquisa. Eu tive muito pouca proximidade

com o sertanejo até então e a curiosidade nasceu através das minhas perambulações digitais, principalmente na plataforma de *streaming* de música Spotify. Sempre tive o costume de acessar a lista de reprodução “Top 50 Brasil” que disponibiliza diariamente as 50 músicas mais ouvidas do país no momento. Esse acesso me é interessante como forma de descobrir novas músicas e, como curiosa, de saber quais músicas e que ritmo está sendo mais escutado no Brasil. Ao longo de anos percebi a predominância do sertanejo nas paradas musicais. Por ser uma entusiasta da música e me conectar profundamente a diversos ritmos, melodias e letras que me tocam e estão presentes no meu dia a dia, surgiram algumas indagações: “o que o sertanejo representa como fenômeno nacional? e o que a música sertaneja significa para os ouvintes da minha mesma faixa etária e que moram na mesma cidade?”. Então, o interesse se centralizou em entender como o sertanejo se manifesta entre os jovens do DF. Inicialmente, o foco se dava no espaço urbano: onde estão as casas de show, bares e festivais voltados à música sertaneja e como a socialização se dá nesses espaços, quem frequenta e por quê. Porém, ao longo da pesquisa e na busca por esses espaços por meio de um questionário digital, ouvi repetidamente as palavras “família”, “origem”, “raízes” e “cultura”. Daí, a presente investigação em torno das significações, funções e manifestações do sertanejo para seus ouvintes assíduos jovens em níveis emocionais, cotidianos e que se estruturam por meio das interações e relações sociais.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as principais maneiras em que o sertanejo se manifesta no dia a dia de seus ouvintes jovens e quais são as funções mais decisivas no uso do gênero musical. A música sertaneja como ritmo mais ouvido do país, se faz presente

no contexto social e no cotidiano das famílias, assim como nos espaços de sociabilidade. O capítulo introdutório do trabalho dedica-se a demonstrar, por meio de pesquisas divulgadas, a relevância do sertanejo para os jovens hoje. O ponto seguinte perpassa a trajetória do estilo musical desde sua origem, passando pelas mudanças do ritmo ao longo desses quase 100 anos de história. Essas mudanças são marcadas pela incrementação de outros estilos musicais que mantem relevante o ritmo e agregam público. O trabalho percorre momentos importantes da música sertaneja em continuação, como o sucesso do sertanejo universitário, a importância do feminejo e o atual agronejo. O capítulo dois aborda a produção mercadológica e o conceito de Indústria Cultural, assim como sua crítica a partir de Honneth (1999) e novas perspectivas com Machado (2009). Em seguida é apresentado os objetivos e perspectivas analíticas da sociologia da música em Campos (2007). Assim como a exposição de conceitos e categorias caras a presente pesquisa, como “sentido” e “significado” de Vygotsky e Luria apresentados pelas autoras Wazalawick, Camargo e Maheirie (2007), “sociabilidade” de Simmel (1983). O capítulo três se debruça nos conceitos de “casa” e “pessoa” de Da Matta (1997) e “pedaço” e “circuito” de Magnani (1992, 2005). A metodologia qualitativa utilizada aqui através de questionário e entrevista semiestruturada é discutida seguidamente. A apresentação e discussão dos resultados é separada em três eixos de análise e dividido em tópicos: Origens e conexões regionais; Cotidiano e memória afetiva; Sociabilidade e espaços de lazer. Por fim, são apresentadas as considerações finais e possibilidades de pesquisa futuras. As discussões do presente trabalho se dedicam e permeiam temas como a diferença da presença da música sertaneja nas cidades do Goiás em comparação com o DF, temáticas sobre “estilo de vida” e “sofrência”, conexões e influências da família no ritmo musical, assim como convivência, memória e vínculo afetivo no espaço da casa e no cotidiano, a importância do sertanejo a partir de uma perspectiva feminina e a importância das amizades, como também, os espaços de lazer voltados para a sociabilidade através da música sertaneja.

Na sequência, desta introdução procuro delinear os contornos do objeto de conhecimento desta monografia.

a) A popularidade do ritmo sertanejo entre jovens

De acordo com a pesquisa do Datafolha realizada em julho de 2022 via Jornal Folha de São Paulo, o sertanejo é o estilo musical favorito de 30% dos participantes. A pesquisa realizou mil entrevistas com jovens de 15 a 29 anos em 12 capitais brasileiras, que incluem: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia,

Brasília, Manaus e Belém. Apesar da margem de erro de três pontos percentuais, a música sertaneja se mostrou a mais apreciada ou empatada com outros ritmos em quase todos os recortes de gênero, renda familiar e posicionamento político. A única exceção na preferência da música sertaneja foram os homens, que dizem se interessar mais pelo Rap. Outra pesquisa sobre o consumo de música no Brasil, realizada pela Opinion Box em outubro de 2022, com mais de dois mil participantes, aponta que o sertanejo é o estilo musical favorito dos jovens de 16 a 29 anos e foi escolhido por 48% dos entrevistados. Além disso, a pesquisa demonstra que 93% dos entrevistados escutam mais música por meio de mídias digitais. A pesquisa cita o Spotify e o Youtube como as principais plataformas usadas para o consumo de música. Ainda sobre a forma de se ouvir música, a área de Pesquisa e Conhecimento da Globo - Tracking Sintonia com a Sociedade, entrevistou 1455 jovens de 16 anos ou mais, usuários da internet em 2021. Segundo essa pesquisa, o sertanejo é o ritmo musical mais ouvido entre eles e escutado através do Youtube e Spotify como as duas principais plataformas de consumo.

As pesquisas acima demonstram a forte presença e a popularidade do ritmo sertanejo no país entre a população jovem e a relevância das plataformas digitais na forma de se consumir esse estilo musical. Sobre as mídias digitais, o relatório “Engaging with music” da Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI), feito entre julho e setembro de 2022, aponta para a consolidação do consumo de música por meio de aplicativos de streaming como o principal formato no mundo. A pesquisa também demonstra a popularidade do sertanejo no Brasil, categorizado como “*popular local genre*”, em tradução livre: gênero popular local. De acordo com relatórios liberados pelo Spotify em 2022, os cinco artistas mais ouvidos no Brasil pela plataforma foram todos cantores e duplas sertanejas. Entre os cinco gêneros mais escutados desse mesmo ano estão o Sertanejo Pop, Sertanejo Universitário e Sertanejo. Sobre as cinco *playlists* mais ouvidas no *streaming* ou lista de reprodução, se encontra, “Potência Sertaneja” e “Esquenta Sertanejo”. Assim como no Spotify, o sertanejo também domina o Youtube. Em 2021, tanto a música mais escutada no Spotify quanto o clipe mais assistido no Youtube foram da dupla sertaneja Israel e Rodolfo, seguidos por Diego e Victor Hugo. No ano de 2023, a música “Nosso Quadro” de Ana Castela, a nova sensação do sertanejo, foi a mais ouvida no Spotify Brasil. Enquanto o álbum mais ouvido do ano na mesma plataforma foi “Escolhas, Vol. 2”, de Zé Neto & Cristiano.

O que podemos observar das pesquisas apresentadas é a grande relevância do sertanejo como um estilo musical nacional e popular no momento. É evidente a crescente forma de se ouvir música pelas mídias e plataformas digitais, principalmente por um público mais jovem, sendo o principal meio de consumo nos últimos anos. Também crescente nesse período, é o

mercado da música e do estilo em si em número e lucro. De acordo com a matéria “Sertanejo bate recordes e mantém domínio de mais tocas no Brasil; veja árvore genealógica do gênero” do O Globo de maio de 2021 escrita por Lucas Oliveira, o gênero musical movimenta dezena de bilhões de reais, marca difícil de se calcular com exatidão. Ainda segundo a mesma reportagem: “Para se ter uma ideia, no mundo pré-pandemia, somente a parte de shows chegava a arrecadar cerca de R\$ 4 bilhões. A Festa do Peão de Barretos, a meca do sertanejo, recebia um público total de um milhão de pessoas.” O que a citação e a notícia como um todo demonstram é que além do já estabelecido acima sobre a popularidade do ritmo, o sertanejo como estilo musical leva multidões a eventos, assim como faz parte e movimenta em grande escala o mercado da música no Brasil. Para expressar a potência desse ritmo musical e conectar com seu espaço significativo no campo digital, se faz necessário a contextualização histórica do Sertanejo no Brasil.

b. Trajetória da música sertaneja

b.1 Origem

A música sertaneja teve sua origem a partir do trabalho do jornalista e violeiro Cornélio Pires que em 1929 produziu o primeiro disco sertanejo. No interior, a receptividade da “série Cornélio Pires” composta por vários discos, foi alta, enquanto na capital paulista, o público e a crítica a receberam discretamente. Waldenyr Caldas (1987) em “O que é música sertaneja” conta o sucesso do empreendimento de Pires. Cornélio e sua Turma ganharam prestígio e dinheiro com shows pelo interior e no Teatro Municipal de São Paulo. Com o tempo, de acordo com Caldas (1987), a música sertaneja, então, não era apenas um fenômeno do interior, mas do meio urbano também. Caldas (1987) define o que é a música sertaneja em contraste com a música caipira. De acordo com o autor, o Sertanejo foi produzido no meio urbano-industrial pelo mercado de disco, tendo como objetivo final o lucro. Essa definição não se diferencia do que o sertanejo é hoje para o mercado fonográfico que movimenta bilhões por ano, muitas vezes com um só artista, como visto acima. O ritmo sertanejo, também segundo Caldas (1987) se tornou mais melódico e ganhou novos instrumentos como a guitarra elétrica e outros eletrônicos ao longo dos anos. A música sertaneja apresenta um discurso “profano” de acordo com o autor, com temas sobre amor, cidade grande, transporte, políticos etc. Na história do sertanejo e suas subdivisões, o estilo trata dos temas citados a partir de sua configuração inicial do sertanejo raiz, também na sua fase de transição do rural para o urbano, no sertanejo romântico e comercial até o dançante. Porém, há uma mudança na temática apresentada pelas músicas com a chegada do sertanejo universitário e suas múltiplas subdivisões como o brega, o feminejo, popnejo, forrónejo, funknejo, pagonejo entre outros. Dentro dessas categorias, a mudança se explicita

com o foco das músicas em relacionamentos amorosos, sentimentos, festas e bebidas alcóolicas em uma mescla com outros ritmos musicais brasileiros. Vale lembrar que cada uma das novas categorias do ritmo possui suas próprias especificidades também, para possuir adesão de públicos diferentes em diversas localidades do Brasil. A característica de se subdividir e se misturar a outros ritmos musicais não é nova para o estilo sertanejo. Com quase cem anos de história, o ritmo como entendemos hoje se modificou diversas vezes ao longo das décadas com o objetivo de se manter relevante, aumentar seu público e disputar espaço com outros ritmos musicais, inclusive internacionais.

A música sertaneja é, enfim, uma força bastante expressiva do mercado da música no Brasil. Em seu início, se proliferou de forma grandiosa pelos estados de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Hoje a música sertaneja é um fenômeno nacional, apesar de ainda manter sua relevância em números estrondosos nesses estados. No fim dos anos 50, mesmo com a influência e concorrência de outros ritmos latino-americanos, o sertanejo se consolida no meio urbano como mais um bem cultural.

b.2 O Público

De acordo com Caldas (1987), as transformações foram inevitáveis. O ritmo se adaptou ao público das grandes cidades brasileiras em uma fusão de elementos da cultura rural e da cultura urbana. A mídia e os veículos de comunicação a prepararam para o consumo urbano. Na contracapa do livro se lê o seguinte:

“Desde 1929, quando Cornélio Pires produziu e prensou o primeiro disco, a música sertaneja sofre o preconceito da crítica: “cafona”, “inexpressiva”, “redundante”. Mesmo assim ela sempre atingiu um grande público no interior e na periferia das grandes cidades. Hoje com o crescimento das cidades, após ter sido elogiada pelos tropicalistas e recebido influências dos cowboys americanos, a música sertaneja atinge os grandes meios de comunicação. Com filmes nos cinemas e programas em todos os canais de TV, ela é aplaudida em diversos idiomas, inclusive em chinês.” (CALDAS, 1987).

O livro escrito em 1987 já demonstra o grande sucesso e avanço do estilo musical sertanejo, mas ele se superou ainda mais, conquistando o posto de ritmo mais ouvido no país. Essa colocação do autor sobre o livro, dá grande importância ao público, foco do presente trabalho. Caldas (1987) ao tratar do público consumidor, afirma que a música sertaneja já não está necessariamente ligada com o meio rural, com o interior ou com o sertão. O seu público está localizado no meio urbano. Ele afirma que: “A rigor, ela hoje é uma modalidade musical igual à chamada música popular brasileira, produzida e consumida em qualquer lugar.” (p.77). Ele continua sua colocação, afirmando que o sertanejo circula com facilidade em espaços anteriormente dedicados a elite da música popular brasileira. O estilo resistiu a duras críticas

preconceituosas e desinformadas de seu universo, sobre as letras, melodias, arranjo musical, voz da dupla, instrumentos, sempre destacando algo de “errado” que não satisfaz os especialistas. Inclusive, vale citar uma comparação que o autor propõe sobre o trabalho de popularização do samba na cidade feita pelo grupo da Tia Ciata a partir da música “Pelo Telephone” com o trabalho realizado pela Turma Cornélio Pires em popularizar o sertanejo na cidade. O que Waldenyr Caldas (1987) afirma ser a única diferença real entre os estilos é que a música sertaneja é produzida por compositores e artistas de recursos técnicos e culturais limitados. Ele reitera que as composições são dirigidas a uma população numericamente grande e de baixa escolaridade. Os produtores sertanejos têm consciência disso e moldam suas produções sertanejas para gosto de seu público. Caldas (1987) constata sobre o público:

“São, em sua maioria, agricultores, operários, empregadas domésticas, motoristas, vigias, pedreiros, enfim, grande parte da população realmente assalariada. Pode-se dizer que a música sertaneja é também a “música proletária”. Pelo menos em termos de consumo e não de discurso político. No meio urbano, a grande maioria do seu público está concentrada na periferia da cidade.” (CALDAS, 1987, p.78).

O autor analisa esse público na cidade de São Paulo em 1984. Ele salienta que a força da música sertaneja reside nos trabalhadores, sendo uma modalidade musical importante por seu prestígio, porém desconhecida do público que só consome a chamada música popular brasileira. Quando escrito o livro, Caldas (1987) comenta sobre o domínio do Sertanejo nos canais de TV e nas rádios com programas destinados apenas ao estilo, que cobrem todo o território nacional. O autor compara os shows sertanejos no sentido do entusiasmo de seus fãs com a jovem guarda capitaneada pelo cantor Roberto Carlos nos anos 60.

b.3 Estilos e Mudanças

Como comentado acima, o sertanejo tem como característica própria a sua modificação para continuar seu crescimento e permanência e assim passa por diversas transformações ao longo das décadas. Nos anos 40, por exemplo, o ritmo já consagrado no mercado tinha que competir com estilos vindos de fora, principalmente as guarânias e consagrados paraguaios e os boleros mexicanos. Caldas (1987) afirma que ao longo dessa década, os três ritmos se misturaram ao sertanejo a partir de Raul Torres que integrava a Turma de Cornélio Pires como “Bico Doce”. (p.54). Após a incorporação, uma dupla importante a carregar a música sertaneja durante anos foi Tonico e Tinoco. Segundo o autor, os dois fizeram escola na música sertaneja a partir dos sons nasais ou da nasalização ao cantar. Essa característica presente também na música caipira, foi introduzida no sertanejo urbano pela dupla. Ao escrever seu livro em 1987, Waldenyr Caldas coloca que depois de 42 anos de carreira e sucesso, Tonico e Tinoco são a própria história do gênero musical.

“Como todo bom profissional, eles também criaram um estilo próprio e certas características inconfundíveis que agradaram ao público e vararam o tempo... A forma “incorreta” de falar, o som nasalado, as brincadeiras e anedotas sempre muito sutis são a “marca registrada” da dupla de estilo mais definido no cancioneiro sertanejo... Centenas de duplas surgidas depois deles procuraram imitar principalmente o som nasalado, que tanto sucesso faz no interior paulista.” (CALDAS, 1987, p.57, 58).

A partir de 1970, o sertanejo passa por outras transformações significativas. O autor coloca essas novas transformações como um segundo movimento dentro do estilo, ressaltando a participação do mercado fonográfico. A dupla Leo Canhoto e Robertinho trouxe para o sertanejo instrumentos e tecnologias eletrônicas como a guitarra elétrica, substituindo a tradicional viola e o berrante como parte de uma nova proposta que levaria a uma estética ainda mais incorporada com elementos exteriores. Segundo Caldas (1987), a dupla tinha planos ousados e que bem assessorados transformaram e criaram para si uma imagem complexa no ritmo. “Eles se apossaram da figura do *cowboy* americano e, ao mesmo tempo, do jovem que absorveu toda a modernidade do meio urbano-industrial.” (p.71). A partir desse evento que foi um secesso em termos comerciais, a ideia se espalhou e novas duplas começaram a se lançar dentro dessa estética. A dupla também se inspirava nos filmes de *bang-bang* italianos que estouravam no Brasil na época. Outras duplas como Milionário e José Rico utilizavam em suas músicas a guitarra e a bateria, muito presentes em bandas jovens de rock no país. Nomes como Chitãozinho e Chororó, Sérgio Reis e Renato Teixeira também se enquadram nesse momento.

Todas essas mudanças ao longo da história do sertanejo, serviram para concretizar ainda mais o ritmo e se manter relevante para seu público com o passar dos anos. Como citado acima, o sertanejo fez bastante sucesso para grande parcela da população assalariada, concentrada nas periferias das grandes cidades. Mais uma vez, a junção do sertanejo com outros ritmos, inclusive internacionais, veio com a necessidade de competir dentro do mercado fonográfico que se expandia a partir da globalização e dos avanços tecnológicos na produção e disponibilização de álbuns e canções. Esse fenômeno dentro do sertanejo de aglutinar e unir, também se transformando, não é novo e, como visto, está presente em sua história e na sua constante relevância através das gerações. A mudança estética e instrumental do sertanejo atinge seu auge após o sertanejo romântico (com a guitarra e a influência *country*) e após o sertanejo dançante nos anos 90 (com a volta da sanfona e músicas mais animadas). Nomes de importância nacional entram nessas duas categorias como Zezé di Camargo e Luciano, Roberta Miranda, Leandro e Leonardo como também, Rionegro e Solimões e Gino e Geno. Porém, é a partir do sertanejo universitário que a prática de aglutinação do estilo atinge seu ápice ao se juntar com outros ritmos brasileiros, formando subdivisões. Além de novas categorias, o sertanejo universitário alcança números inéditos no mercado, chegando ao nível internacional

através, por exemplo, do cantor Michel Teló em 2011, se consagrando inicialmente como solista pop (subdivisão do sertanejo universitário). É com o fenômeno do sertanejo universitário que o ritmo cresce de forma impactante e ganha novos nomes.

Voltando ao público, ele também se modifica e atinge uma nova parcela da população brasileira com a expansão do cenário por meio dessa nova variante do estilo musical. É indispensável, no contexto da discussão apresentada, abordar a importância do feminejo, nem que de forma breve para compreender as mudanças do ritmo sertanejo em sua busca por manter a relevância. No artigo “A Produção Simbólica da Mulher nas Canções do Feminejo” as autoras Antônio Sandra Emília Pereira Peres e Daniele Costa Da Silva (2019) na revista *Homem, Espaço e Tempo*, apresentam em poucas palavras uma definição precisa do movimento:

“Feminejo” é uma expressão criada e utilizada pelos meios de comunicação para que seria uma “extensão” da música sertaneja. Refere-se, mais especificamente, a um grupo de mulheres que estão se destacando cada vez mais no estilo sertanejo, com músicas que falam de comportamentos femininos que antes eram associados como tipicamente masculinos, como, por exemplo, ir a motéis, sair para beber, entre outros.” (PERES E SILVA, 2019, p.144)

As autoras destacam que as mulheres já faziam parte do universo da música sertaneja. Nomes como “As Marcianas”, dupla formada pelas irmãs Celina e Ivone, “As Irmãs Barbosa”, chamadas Edna e Dinah, Sula Miranda, que fazia muito sucesso cantando temas que cativavam sobretudo um público de peões de boiadeiro e caminhoneiros, e Roberta Miranda, a Rainha do Sertanejo, eram destaque, faziam muito sucesso entre o público e impulsionavam as vendas de mercado. A diferença entre o Sertanejo e Feminejo, é que as letras das composições do último falam sobre a realidade feminina, os relacionamentos amorosos, traições, a chamada “sofrência” sob a perspectiva de experiências de mulheres. As canções abordam a “volta por cima”, as revanches, os mesmos direitos de frequentar baladas e “beber para afogar as mágoas” que antes faziam parte de um universo mais masculino. O Feminejo representa e proporciona quebras de paradigmas presentes no ritmo sertanejo ao colocar a mulher como eu-lírico das canções. Marília Mendonça, por exemplo, como principal líder do movimento feminejo, cantava músicas cujas letras falavam sobre amizade e valorização entre as mulheres.

Em matéria Laryssa Costa, intitulada “O legado de Marília Mendonça: talento e empoderamento feminino” e publicada no site Terra em 2021, se destaca: “...Marília expôs os sentimentos não só daquelas que foram traídas, mas das amantes que também sofrem. Como pioneira em um meio majoritariamente masculino, ela abriu as portas para que Naiara Azevedo, Simone e Simaria e Maiara e Maraisa pudessem entrar. Nascia aqui o Feminejo.” Assim, um novo nicho de mercado foi formado por artistas mulheres, intérpretes e compositoras com vozes potentes, cantando canções que abordam o universo feminino em contrapartida ao que existia

até então. Além da música, que já ganhava atenção do público, pois abordava uma realidade feminina antes não tão exposta, veio atrelado às suas intérpretes, uma estética que talvez por se distanciar do padrão adotado pela sociedade, se aproximava mais do público, ganhando sua simpatia. Por essa estética, se fala da aceitação e beleza da diversidade dos corpos, dos comportamentos “livres de amarras” – as cantoras em entrevistas falam abertamente sobre relacionamentos, baladas, álcool e sexo, além do glamour das produções e figurinos. O público consumidor, se vê então, representado nessa estética, incluído nesse universo palpável de consumo. Aquela ideia do ídolo inatingível dá lugar ao reconhecimento de si próprio nas canções e nas artistas e esse fenômeno, por sua vez, alimenta o mercado musical nacional.

O filme “Amor Sertanejo” de 2020, dirigido por Fabrício Bittar e Raphael Erichsen se coloca como uma importante referência ao contar a história do sertanejo desde sua origem até a potência de hoje por meio de entrevistas com figuras marcantes para a música e produção sertaneja. O filme remonta a história desde Cornélio Pires, passando pelas duplas famosas do início do ritmo como Tônico e Tinoco, Milionário e José Rico e conta com a presença de duplas que carregaram o sertanejo até seu sucesso nacional como Chitãozinho e Xororó, João Bosco e Vinícius, Fernando e Sorocaba, Michel Teló, Luan Santana, Naiara Azevedo, Maiara e Maraisa, entre outros. Além dos cantores, o filme também conta com a presença de produtores da música e de seus eventos. A parte mercadológica do sertanejo é contemplada no filme exatamente por essas figuras como radialistas, locutores, compositores, produtores de eventos e empresários. Amor Sertanejo cita partes importantes do gênero na mídia e suas transformações. O sucesso de “Fio de Cabelo” de Chitãozinho e Xororó nos anos 90 representa a chegada de um sertanejo mais moderno e da quebra de barreiras de preconceito com o ritmo, visto antes apenas como rural. Programas da televisão aberta como o “Fantástico” da Rede Globo começaram a convidar a dupla pelo seu sucesso com o público que acabara de entrar em um novo universo. Chitãozinho e Xororó contam na entrevista para o filme que possuíam referências internacionais como os The Beatles e a jovem guarda nacional. A dupla renomada conta que foram para São Paulo com o objetivo de tocar um sertanejo mais moderno, mais jovem e com uma “pegada mais pop”. Michel Teló importante entrevistado no documentário conta mais sobre esse momento. O cantor diz que o linguajar mais moderno de Chitãozinho e Xororó iniciou um movimento em que as duplas futuras acompanharam ao deixar de lado o linguajar caipira. Outras duplas como Zezé di Camargo e Luciano e Leandro e Leonardo empurram as barreiras para que o gênero musical tomasse conta do país nos anos 90, como conta o autor e publicitário Edvan Antunes. A dupla Bruno e Marrone participa do fenômeno no final dessa década com a queda do vinil, popularizando ainda mais o ritmo. Nesse momento o sertanejo também muda

por meio da estética dos cantores. O novo visual vira “febre” no país entre os fãs, como por exemplo, com os cortes de cabelo. O público da música muda e cresce bastante e os bares se enchem com apresentações e gravações do estilo. A partir disso, o público não apenas se interessa na música, mas também nos artistas, pelas apresentações, roupas e carisma.

c) Sertanejo universitário: público e mercado

O sertanejo universitário representa um terceiro momento da música sertaneja, após o *boom* nacional do gênero com canções românticas e dançantes. No final dos anos 90, esse novo movimento começou a tomar forma por meio da internet e a partir de cantores mais jovens. A popularização do ritmo se deu através das novas duplas que saíram do interior de seus estados para cursar universidades situadas nas capitais. Um exemplo disso são os cantores João Bosco e Vinícius. Os dois universitários em Campo Grande cursavam respectivamente, odontologia e fisioterapia e após saírem da cidade de Coxim no Mato Grosso do Sul para a capital, a dupla se apresentava em bares pela cidade. Como reflexo, o gênero também se expandiu no Goiás e em Minas Gerais através de outras duplas. Já associada a guitarra, a bateria e outros instrumentos elétricos e junto de temáticas urbanas mais jovens, o sertanejo universitário se disseminou no campus e nas repúblicas de estudantes, com uma nova roupagem para o ritmo. Por meio das festas universitárias, o estilo incorporou elementos de outros gêneros musicais como o arrocha, o funk, o axé e o pop. As batidas mais dançantes e os refrões fáceis de memorizar garantiram o sucesso do sertanejo em seu público que vivia os assuntos tratados nas canções como as baladas, as festas, a faculdade, a ostentação, bebidas alcoólicas, amor, relacionamentos e traição. Nesse momento temos duplas importantes que dão peso ao sertanejo universitário como Fernando e Sorocaba e Jorge e Matheus que também cursaram universidade antes da fama.

A partir do grande sucesso do ritmo, o mercado fonográfico tomou grande interesse pelo estilo dada a possibilidade de maior crescimento e lucro. O público mais jovem do sertanejo universitário representou um novo espaço que poderia ser ocupado por outras duplas e por isso o alto investimento no estilo nesse período. Por meio da agregação de outros gêneros musicais brasileiros, o sertanejo universitário transitava com mais facilidade em camadas da população que antes não atingia. Uma nova superprodução teve início com shows cada vez maiores e clipes e DVDs de ampla divulgação. Cantores solos também ganharam espaço, mostrando outras possibilidades do sertanejo, com uma nova estética voltada para a figura dos próprios intérpretes, como Michel Teló, Luan Santana e Gustavo Lima. Esse movimento, impulsionado imensamente pelo mercado musical, apresentou uma grande adesão de fãs espalhados por todo

o território nacional. Nas mídias em geral, a nova categoria de sertanejo, se apresentava com destaque ao invés de programas voltados apenas para aquele público consumidor.

O filme “Amor Sertanejo” conta com a presença da dupla João Bosco e Vinícius que contam sua carreira e a ascensão da subdivisão universitária no ritmo sertanejo. Eles afirmam, enquanto dupla, que se enquadram como pioneiros do gênero universitário pela trajetória pessoal. Segundo João Bosco:

“O primeiro público fiel do João Bosco e Vinícius, antes de tocar a música em rádio, antes da gente começar a trilhar um caminho para fora do estado do Mato Grosso do Sul, que foi onde começou realmente o sertanejo universitário, nosso primeiro público fiel foram os universitários. Nós não tivemos um empresário que investiu na gente, não tivemos um cara que bancou o projeto. Foi um CD que a gente foi participar de um aniversário de dois amigos e a gente não sabia que o cara do som estava gravando um MD. Esse MD totalmente sem qualidade, ao vivo mesmo, do jeito que foi caiu na graça da galera.” (transcrição de áudio).

Vinícius complementa que o CD começou a tocar pelas repúblicas da universidade e o fenômeno do sertanejo universitário se “alastrou” para outros estados de divisa com o Mato Grosso do Sul. “Amor Sertanejo” comenta rapidamente sobre a pirataria. No longa, essa prática é colocada como CDs cópias de gravações originais em compilados ou gravações ao vivo que eram repassadas por comerciantes a um custo mais acessível para a população em geral ou compartilhados entre amigos. A pirataria é considerada crime no Brasil através da lei Nº 10.695, de julho de 2003. O artigo 184 do Código Penal decreta penas diferentes por “Violar direito de autor e os que lhe são conexos”. Apesar das consequências negativas da prática para o meio da música, a pirataria teve um papel importante para o sertanejo, garantindo o crescimento do ritmo por meio do sucesso de duplas. A dupla Bruno e Marrone se beneficiou por meio dessa prática em 1999. Segundo a matéria digital “Bruno e Marrone e a curiosa história do disco pirata que virou oficial e vendeu 500 mil cópias” escrita por Rafael Teixeira de 2023, no início dos anos 2000 a apresentação da dupla Bruno e Marrone na rádio OneRPM Brasil de Uberlândia foi gravada de forma clandestina e distribuída comercialmente por Minas Gerais e em cidades do Centro-Oeste. Com já doze anos de carreira, a dupla viu sua popularidade crescer. Ao perceber a oportunidade, Bruno e Marrone regravam as canções com a Abril Music sendo um sucesso de vendas e alavancando a carreira dos artistas se tornando uma das duplas de grande prestígio nacional, com indicações ao Grammy Latino. O que se percebe pelas duplas citadas acima, João Bosco e Vinícius e Bruno e Marrone é o crescente sucesso a partir do gosto e da identificação de seu público com as músicas. O investimento financeiro na produção das duplas, segundo eles, veio após o “estouro” deles pela vontade do público de ouvir esse novo estilo. Michel Teló que participa do filme, fala sobre o crescimento econômico gerado por essa

subdivisão do sertanejo e da potência de seu público fiel que se reconhecia nas letras, na vivência da faculdade em um sentimento de pertencimento a esse momento.

Assim, o sertanejo adquiriu fãs e ouvintes diferentes do público consumidor já consolidado nas décadas anteriores. Vinícius, da dupla com João Bosco, contempla em sua fala para o filme, a mudança de público: “Os contratantes também começaram a perceber que a gente tava levando um público diferente daquele público que tava habituado a frequentar as casas de música sertaneja. Um pessoal que chegava muitas vezes de carro importado, aquela mulherada mais bem produzida que consumia muito na noite.” Cuiabano Lima, locutor e apresentador de eventos sertanejos, em sua fala para o mesmo documentário trata dessa mesma questão: “O que o sertanejo universitário fez que os medalhões não conseguiram fazer? Eles conseguiram trazer a elite do Brasil para a música sertaneja”. A importância do público se demonstra cada vez mais evidente para o fenômeno sertanejo, não apenas integrante do fenômeno como também formador, seja por meio de sua participação nos eventos e no consumo da música como também na compra dos discos piratas e nas redes sociais.

As redes sociais foram extremamente importantes para a relevância do sertanejo universitário. O início da concretização das plataformas digitais no país como um meio de mídia influente ajudou com que o ritmo chegasse a mais pessoas e jovens que poderiam vir a se identificar com o gênero musical. Hoje as redes sociais têm um papel importantíssimo para alavancar e manter a carreira de duplas e cantores. Grandes nomes famosos do sertanejo possuem milhões de seguidores em suas redes sociais, onde seus fãs podem acompanhar mais de perto seus lançamentos, programação de shows e cotidiano. As redes sociais foram incorporadas ao sertanejo e afetaram a forma de se produzir o estilo musical através dos escritórios especializados no ritmo que tomaram o lugar e papel das gravadoras gerais. Antes, as duplas gravavam seus álbuns com gravadoras de música e aquele material físico era comercializado. A partir da chegada das redes sociais, o empresário sertanejo acabou por desenvolver uma maior função na formação de novos cantores. Escritórios de música sertaneja foram criados e financiados pelo setor agropecuário e se tornaram o principal meio de capitalização de talentos dentro da música sertaneja. De acordo com os mapas apresentados no documentário “Amor Sertanejo”, um escritório é feito por meio de cantores, compositores, produtores, banda e empresários. Esses últimos entram em contato com investidores para os artistas e assim, para o escritório. O escritório muitas vezes é tratado como seu próprio investidor, por aplicarem o lucro gerado anteriormente com outros artistas em novos talentos. Como citado acima, o dinheiro depositado nesses escritórios também vem do setor

agropecuário, onde vários cantores também estão envolvidos desde posse de terra e criação de gado à organização de eventos.

De acordo com a matéria “Música sertaneja está influenciando cada vez mais o agronegócio brasileiro” escrito pela Redação Tupi em julho de 2024 disponível no site da rádio:

“Os cantores sertanejos no Brasil não são apenas figuras populares na música, mas muitos deles também têm interesses e investimentos significativos no setor do agronegócio. Isso se deve em parte às origens rurais de muitos desses artistas, que frequentemente vêm de famílias ligadas à agricultura e à pecuária. Muitos cantores sertanejos não só investem em propriedades agrícolas, como também em empresas do setor agropecuário, como fazendas, criação de gado, produção de grãos e até mesmo agroindústrias.”

Nomes importantes da música sertaneja estão ligados a esse setor de produção como Milionário e José Rico, Chitãozinho e Xororó, Leonardo, Zezé Di Camargo e Luciano, Gustavo Lima e César Menotti e Fabiano. Além de sua participação ativa no setor agropecuário, vários artistas exaltam suas origens com o intuito de valorizar o estilo de vida rural. A cantora Ana Castela que teve números estrondosos nas paradas musicais dos últimos anos, ao misturar popfunk com sertanejo, se tornou um grande exemplo da tentativa do sertanejo de se expandir no mercado nacional, ao mesmo tempo que mantém o imaginário rural presente. Essa nova subdivisão ganha o nome de agronejo. De acordo com a matéria “Como o agronejo e Terra e Paixão ajudam a reciclar a reputação do agronegócio” escrita por Gustavo Zeitel para a Folha de São Paulo, a música sertaneja hoje ostenta tratores e a riqueza do campo com o intuito de representar uma ruralidade moderna, exaltar as conquistas do agronegócio e conquistar ainda mais o público de grandes cidades. Segundo a matéria jornalística, os pioneiros desse subgênero são os artistas Léo e Raphael que lançaram em 2020 a música “Agro é Top”. A letra da música aborda temas como bebida, churrasco e plantação, ressaltando a prosperidade do setor agropecuário. O videoclipe complementa essa ideia ao destacar elementos característicos do agronegócio, como caminhonetes, tratores, rebanhos e os artistas caracterizados como fazendeiros. Além disso, são exibidas frases que destacam os dados econômicos relacionados à produção agrícola brasileira. Raphael da dupla se juntou ao Everton Albertoni e ao Rodolfo Alessi para criar a empresa Agropay Music que agencia cantores como Luan Pereira e Ana Castela, já citada anteriormente como a nova aposta do subgênero musical para acessar o público mais jovem urbano. Segundo a matéria, os artistas do agronejo negaram ao longo do tempo investimento do agronegócio na música sertaneja, porém hoje, Raphael afirma que o investimento vem por meio dos shows que acontecem em exposições, feiras agropecuárias.

De volta ao formato de produção mercadológica do ritmo sertanejo, foi a partir da concretização das redes sociais como importante meio de comunicação atual que os cantores ganharam a denominação de intérpretes com um repertório feito por compositores definidos pelos empresários. A produtora, por sua vez, que antes tinha como maior responsabilidade a banda, foca agora na produção de mídia para as redes sociais dos intérpretes, como as fotos publicadas e os videoclipes, assim como também montam parcerias entre os intérpretes e marcas. É visível, então, que junto com as transformações do público, o ritmo também se transformou musicalmente e em sua forma de produção. Comentários variados sobre as mudanças geraram debates entre os entusiastas do sertanejo. Por um lado, os conservadores da música, afirmavam a falta de qualidade e originalidade do que é lançado hoje e o excesso de produção estética, por outro, os mais jovens alegam a evolução da música pela necessidade do mercado se baseando no que o público deseja e na velocidade do consumo. O sertanejo como um negócio se estruturou e se fortaleceu junto com sua popularização. Visando o lucro, o mercado fonográfico e outros setores de interesse investiram no ritmo com gestores de carreira, infraestrutura e produção que garantem o status de ídolos para os intérpretes. Os empresários observaram a tendência jovial e o potencial econômico do gênero musical e partiram a investir na música como um negócio nos moldes de uma empresa com um canal de distribuição, um público-alvo abrangente e um produto. Como colocado por empresários do ramo e entendedores administrativos no documentário “Amor Sertanejo”, o produto a ser comercializado não é apenas a música, mas toda a produção com intuito de gerar entretenimento. Por ser produzida dentro de uma lógica que visa o consumo de seu público em uma perspectiva comercial que visa o lucro, o sertanejo como fenômeno é tratado comumente como parte da Indústria Cultural, junto da maioria dos outros estilos musicais populares e favoritos hoje pelos jovens.

CAPÍTULO 2.

MÚSICA SERTANEJA, INDÚSTRIA CULTURAL E CRÍTICAS

Indústria Cultural é um termo conceitualizado por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer presente na obra *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos* de 1947. No capítulo “Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas”, segundo os autores, (1947, p. 57) a partir da lógica capitalista e sob o poder do monopólio, a cultura contemporânea de massa passa a ser idêntica entre si, sem distinção e seu modo de produção se torna padronizado com caráter em série. Como exemplo citado pelos autores, temos o cinema e o rádio. As duas formas de arte passam a ser produzidas nas características de um negócio em busca de legitimação ideológica. A partir da perspectiva do capitalismo e sua forma de produção, para Adorno e Horkheimer (1947, p. 58), tanto o cinema como o rádio passam a se caracterizar e se definir como indústrias, onde o lucro gerado por elas vai justificar sua própria produção. Assim, a arte é feita dentro de uma lógica econômica visando um fim monetário específico e não mais um fim em si mesma.

O conceito de Indústria Cultural é amplamente utilizado atualmente para descrever a movimentação econômica a partir da produção de bens culturais, materiais e imateriais artísticos. A música e a produção fonográfica se enquadram, então, dentro de uma perspectiva mercadológica. Como visto acima, essa expressão cultural passa a se configurar como um mercado e como um setor de produção por meio de seu funcionamento setorizado e padronizado e pelo investimento financeiro na área. A música, em geral, movimenta a economia em nível global e como reflexo e parte desse mercado, o sertanejo no Brasil também se enquadra nesse mesmo formato de produção capitalista. Segundo os autores (1947, p. 63), a Indústria Cultural

retira a arte de sua esfera própria e a coloca como foco da esfera do consumo, sob a lógica da repetição por meio de uma fórmula que busca a totalidade da indústria:

“O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos.” (ADORNO, HORKHEIMER, 1947, p. 57).

Mais uma vez, de acordo com os autores (p.57), o que explica a produção e padronização é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, que com o passar do tempo se transforma em um sistema coeso, que forma uma grande trama econômica do qual as produções artísticas se tornam dependentes. Adorno e Horkheimer analisam a lógica de consumo da Indústria Cultural para o público. Para eles, dentro dessa indústria os consumidores desses bens culturais são reduzidos a um material estatístico, a mapas de pesquisas e grupos de rendimentos de ordem quantitativa: “Cada qual (indivíduo) deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu nível, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo.” (ADORNO, HORKHEIMER, 1947 p.58). Os consumidores são vistos por uma perspectiva mercadológica onde o poder dessa indústria sobre eles é mediante o entretenimento e a diversão, através das tendências e da repetição. O público é apresentado pelos autores frente a indústria de forma manipulável, com poder de escolha ilusório por não existir grandes diferenças entre os produtos e assim controlado pela lógica de consumo sem reflexão ou crítica ao que se consome. Esse público consumidor seria então condicionado a consumir esses bens produzidos que, por sua vez, molda a percepção e os desejos do público baseado nas necessidades do mercado para se manter vigente.

O conceito de Indústria Cultural consegue demonstrar e ilustrar a lógica do mercado fonográfico hoje de forma global, tendo em mente que a maioria dos ritmo musicais populares na atualidade são produzidos em esquema similar ou igual a como se produz o sertanejo no Brasil. Apesar de importante para compreender o funcionamento do mercado, sua estrutura e intenções sobre o que é lançado musicalmente hoje, existem outros fatores que levam um público a se identificar com um estilo musical tanto em níveis de sentido individual como significados compartilhados a partir de interações sociais. Com quase cem anos de história o sertanejo se conecta em nível emocional e familiar com muitos de seus ouvintes por questões de identidade cultural regional, valores, grupos sociais e socialização.

Rosi Marques Machado no artigo “Da Indústria Cultural à Economia Criativa” de 2009 tece críticas e apresenta um debate terminológico sobre o conceito cunhado por Adorno e Horkheimer a partir da obra Teoria Crítica de Axel Honneth presente na coletânea Teoria Social

Hoje de 1999. Honneth (1999) se dedica a contextualizar e comentar a Escola de Frankfurt e a teoria crítica formada por um círculo intelectual em torno de Horkheimer. Em sua análise, Honneth (1999) cita incoerências e disparidades desse círculo, assim como fraquezas da teoria a partir de escolhas conceituais e metodológicas. Segundo o autor, os objetivos de Horkheimer eram baseados no reconhecimento franco e pragmático das ciências especializadas: “A utilização sistemática de todas as disciplinas de pesquisa da ciência social no desenvolvimento de uma teoria materialista da sociedade foi o principal objetivo da teoria crítica” (p.505). Segundo Machado (2009), na busca dessa dimensão mais ampla do conhecimento, Horkheimer elabora o programa da teoria crítica no qual pretende utilizar todas as disciplinas científicas para empreender uma investigação sobre o conflito entre forças produtivas e relações sociais de produção dentro de um contexto capitalista monopolista. Diante disso, de acordo com Honneth (1999), Horkheimer se prende em quais seriam os mecanismos que impedem a eclosão dos conflitos entre as classes sociais e o que impede a tomada do papel revolucionário do proletariado frente à ordem vigente. Na busca por respostas, Horkheimer divide a teoria crítica em três fases baseadas na centralidade da economia política e no suporte da psicologia e da teoria cultural. O desenvolvimento dessa última fase teórica ficou a cargo de Adorno, em específico: “a análise teórico-cultural do modo de operação da cultura de massa” (p.512). Para tal tarefa proposta se fez necessário a compreensão e conceitualização de cultura. Segundo Honneth (1999), Horkheimer reduziu a análise de cultura ao sistema funcionalista integrando as duas fases anteriores da teoria. De acordo com o autor:

“Nesse contexto Horkheimer entendia “cultura” apenas a totalidade dos recursos e “aparatos” culturais que servem de mediadores entre as demandas comportamentais societárias do exterior e a psique do indivíduo que se tornou manipulável. Acima de tudo, as investigações que Theodor W. Adorno empreendeu sobre o advento e os efeitos da indústria cultural desenvolveram-se nos horizontes desse conceito de cultura, que se limita a uma teoria das instituições. (HONNETH, 1999, p.515).

Com isso, pode-se dizer que Adorno foca sua análise da cultura como um componente funcional na garantia de dominação. De acordo com Machado (2009), é possível dizer que a relação entre indivíduo e sociedade da qual parte a Teoria Crítica trata o indivíduo como objeto da sociedade, ao invés de sujeito. Segundo a autora, a forma que Horkheimer e sua escola de pensamento analisam a realidade apenas permite ver o que está relacionado à lógica e à necessidade. Conforme Machado (2009): “Assim, os homens são vistos agindo de uma forma instrumental, movidos pelos seus próprios interesses individuais, e alienados dos interesses humanos gerais. Daí a sua integração plena ao sistema social, que paira sobre eles como se fosse uma entidade supraindividual, forçando-os a conformarem-se e submeterem-se.” (p.89). Em congruência, a autora assinala que a crítica construída pela escola de Frankfurt a uma indústria

cultural é pertinente, porém apresenta limites. Ela chama a atenção para autores que desenvolvem em suas obras outros fenômenos e fatores que demonstram a presença da agência humana como o debate da globalização, regionalismo e diversidade cultural de Stuart Hall, assim como as relações sociais a partir de bens materiais presente na obra de Mary Douglas e Baron Isherwood e também a obra de Georg Simmel com a “forma lúdica de sociação” que foi colocada pela autora como acompanhadas de sentimento, satisfação e valor da formação da sociedade enquanto tal. O foco dos exemplos para a autora é a abertura do campo das ciências sociais para questões identitárias e abordagens que permitem “detalhes” da dinâmica social: “onde os indivíduos não só pensam e agem de acordo com uma razão instrumental, mas também sentem, conferem significados distintos aos mais diversos elementos que compõem a sua vida e que lhe dão um sentido próprio.” (p.91). Assim, para ela, os bens culturais não são apenas mercadorias sem valor:

“Afim, eles são o “alimento subjetivo” dos indivíduos, servindo-lhes de referência para constituírem suas identidades, para se reconhecerem ou se estranharem neles, por isso mesmo a escolha sobre aquilo com que vai se “alimentar” não se orienta por uma razão instrumental somente. Assim como também esses bens culturais “alimentam” as relações inter-individuais, incluindo a “forma lúdica de sociação”, a sociabilidade, sobre a qual diz Simmel.” (MACHADO, 2009, p. 91).

a. Por uma sociologia da música sertaneja

Ao pensar sobre bens culturais pela perspectiva apresentada por Machado (2009), sendo a música um deles, é possível sua análise como formadora de identidades a partir de interações sociais. A música enquanto cultura evoca e é formada por emoções em um contexto histórico social, sendo também geradora e gerada por sentidos próprios individuais e significados coletivos. Esse debate em torno da significação da música é tema das ciências sociais presente no artigo “A música e os músicos como problema sociológico” de 2007 de Luís Melo de Campos. De acordo com o autor, a socialização musical reside em todas as formas de relacionamento com a música e se estende para as diferentes modalidades de interação social em que se ouve, se pratica e se discursa sobre a música. Campos (2007) complementa que é consensual nas ciências sociais que a música pode evocar emoções, sensações e predispor a reflexão, como também vincular significados e incorporar sentidos. Segundo o autor, participar de um debate sobre música engloba um mundo cultural e discutir o sentido e valor da música nos planos estético, emocional, cultural e social é partilhar sobre a natureza da música e os conceitos com os quais ela pode ser compreendida. Campos (2007) cita a autora Tia Denora (1986) que estabelece que a significação musical carrega em si uma indeterminação que permite

a variabilidade de atribuições para o sentido musical. Ela continua que o significado da música não lhe é inerente ou decorre de capacidades cognitivas. Portanto, os significados são gerados no processo comunicativo da interação entre pessoas, sendo o sentido construído através de indivíduos e grupos à medida que desenvolvem gostos e preferências na vida cotidiana. O que Campos (2007) delimita é que diante da diversidade de teses e argumentos sobre o tema, cabe a sociologia da música examinar o contínuo processo de construção, conflito e negociação de sentidos dados a ela. Assim, para o autor, o que as pessoas reivindicam sobre a música tem que ser tratado como informação relativa as convicções e crenças desses mesmos indivíduos. Campos (2007), traz a contribuição de Weber (1998) sobre o objetivo da sociologia da arte, onde não se implica a produção de juízos de valor relativos à estética:

“Implica, isso sim, aceitar que o trabalho artístico existe e tentar compreender como e porque é que as pessoas orientam as suas condutas em relação a tais artefactos... A sociologia da música não deverá, pois, preocupar-se com procurar algum verdadeiro significado de uma obra, mas sim interessar-se pelo que as pessoas acreditam que significa, porque é este significado que influencia as suas respostas, a forma como a praticam e com ela se relacionam.” (CAMPOS, 2007, p.38).

Vale destacar no artigo de Campos (2007) que os diversos gêneros musicais não são apenas diferentes tecnicamente, mas são gerados e reproduzidos por grupos de pessoas com diferentes propensões emocionais e diferentes gostos estéticos, assim como, distintas posições nos campos cultural e social. Segundo ele, falar de gêneros musicais remete a diferentes códigos “intra-musicais” e diferenças socioculturais. Em conclusão:

“A incursão no debate de alguns problemas a propósito dos seus sentidos permitiu sugerir que a música pode ser muitas coisas, não apenas no plano das experiências sensoriais e emocionais, mas também nos planos cognitivo, perceptivo e projectivo, e certamente também nos planos cultural e social que informam e de algum modo formatam aqueles.” (CAMPOS, 2007, p.41).

A reflexão de Campos (2007) acerca da sociologia da música se mostra relevante para a presente pesquisa por meio de seus objetivos. Como citado acima pelo autor, o foco da pesquisa sociológica voltada para a música é mais frutífero quando se debruça sobre os significados dessa forma de arte e cultura para seus ouvintes porque permite observar e analisar crenças, valores, sentidos, interações e relações. Como apresentado anteriormente, o trabalho busca compreender como, de que forma e por que meios o gosto pelo sertanejo se manifesta na vida pessoal de jovens ouvintes e que conexões se dão com o ritmo através de memórias, emoções e afetividade.

b. Significados e interações sociais

O artigo “Significados e sentidos da música: Uma breve “composição” a partir da Psicologia Histórico-cultural” escrito por Patrícia Wazlawick, Denise de Camargo e Kátia Maheirie de 2007, tem uma correspondência relevante com a ideia de significação, plano emocional e comunicação. Ressalta-se o trecho introdutório do artigo, onde as autoras comentam sobre a relação dinâmica entre a música e a cultura, na qual as duas agem uma sobre a outra. A música ganha forma pela cultura e atua nela ao se inserir nas estruturas sociais. De acordo com as autoras, a cultura então, dá os referenciais onde cada sujeito se apropria para tecer suas atividades musicais. No resumo do artigo é colocado que:

“Quando se vivencia a música, não se estabelece relação apenas com a matéria musical em si, mas com toda uma rede de significados construídos no mundo social, em contextos coletivos mais amplos e em contextos singulares. Dessa forma, os significados e sentidos da música são construídos a partir do contexto social, econômico, político, de vivências concretas e da “utilização viva” da música por sujeitos em relação, onde articulam sua dimensão afetiva, desejos e motivações.” (WAZLAWICK, CAMARGO, MAHEIRIE, 2007, p. 105).

Ao pensar a música por meio de sua “utilização viva”, as autoras colocam o sujeito em centralidade, visto na citação apresentada, como constituinte de e constituído pelo seu contexto social. Assim, segundo elas, as atividades culturais são derivadas da atividade humana conjunta como também contribuem para as significações dos sujeitos que as vivenciam. Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007) se baseiam em Lev S. Vygotsky (1987, 1992) e Alexander Luria (1986) e seus estudos do pensamento e da linguagem para elaborar os conceitos de sentido e significado na significação musical. As autoras definem que “sentido” se conecta aos motivos, interesses, intenções e emoções do sujeito, cumprindo uma função de mediação do comportamento e funcionando como uma “linguagem interna” ou uma “fala para si mesmo” (p.107). O “significado”, por sua vez, fica no campo da experiência social: “O significado é o traço necessário que se faz constitutivo da própria palavra, é uma generalização ou um conceito conferido por sua utilização no contexto histórico-social, que surge como um fenômeno do pensamento, construído e compartilhado em uma coletividade.” (WAZLAWICK, CAMARGO, MAHEIRIE, 2007, p.108). Voltando ao sentido, ele é descrito como um significado individual, podendo significar coisas diferentes para cada pessoa, onde cada um separa o que lhe é interessante:

“Na base do sentido encontra-se a percepção do que o falante quer precisamente dizer, bem como dos motivos que o levam a efetuar a locução verbal. Assim, o sentido é o elemento fundamental da “utilização viva”, ligada a uma situação concreta afetiva (emoções e sentimentos) por parte do sujeito” (WAZLAWICK, CAMARGO, MAHEIRIE, 2007, p.108).

Ao conectar os dois conceitos, as autoras se baseiam em Maheirie para afirmar que o significado está ligado às dimensões coletivas e à coletividade, enquanto o sentido é vivido de forma singular. Contudo, ambos tanto significado quanto sentido são produzidos no contexto social. Em conclusão, o significado pode se enriquecer ao ser acrescentado dos sentidos individuais de cada pessoa que se muda entre contextos. Os dois conceitos estão em dinâmica onde se conectam a dimensão objetiva e a dimensão subjetiva:

“O sujeito existe e relaciona-se no todo das dimensões objetivas e subjetivas, que se entrecruzam, que se afirmam, que se formam uma na outra, que se negam, onde suas ações são sentidas, significadas; onde existe a estreita relação entre pensamento, emoção e sentimento, onde a vida se realiza e só é possível nesta totalidade dialética.” (WAZLAWICK, CAMARGO, MAHEIRIE, 2007, p.109).

Os conceitos apresentados acima de sentido e significado conectados à cultura e à música em um processo de aprendizado que se dá através de um “mundo social” se relacionam com o conceito de sociabilidade simmeliana, com foco nas interações e relações sociais. De acordo com Georg Simmel em “Georg Simmel: Sociologia”, organizado por Evaristo de Moraes Filho de 1983, o termo “sociedade” se refere a interações entre indivíduos que são motivadas por interesses, impulsos ou propósitos que levam a cada um desses indivíduos viver e agir com e contra outros de forma recíproca com o objetivo de influenciar ou ser influenciado. De acordo com o autor, essas interações contribuem para que cada um que possua tais motivações formem uma unidade, uma “sociedade”. Simmel denomina esses impulsos e interesses como “conteúdo” ou “matéria” da sociação:

“A importância dessas interações está no fato de obrigar os indivíduos, que possuem aqueles instintos, interesses etc., a formarem uma unidade – precisamente, uma “sociedade”. Tudo que está presente nos indivíduos (que são os dados concretos e imediatos de qualquer realidade histórica) sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento – tudo que está presente neles de maneira a engendrar ou mediar influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer, da sociação.” (SIMMEL, 1983, p. 166).

O autor desenvolve que as matérias, então, se tornam parte da sociação quando transformam um grupo de indivíduos, antes isolados, em um agrupamento de formas de ser com e para com outros sob o conceito de interação. A sociação é, segundo Simmel, a forma de agrupamento baseada na satisfação dos mais variados interesses dos indivíduos que compõe a unidade. A sociedade se apresenta como um processo dinâmico que por meio de interações entre indivíduos movidos por interesses nomeados de “conteúdo” da sociação ganham relevância social ao transformarem os indivíduos em um agrupamento. As interações e relações sociais tornam-se, nesse contexto, o núcleo central do fenômeno social: “Aqui, sociedade propriamente dita é estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo

dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais.” (SIMMEL, 1983, p.168). O autor continua que as formas resultantes desse processo se libertam, então, dos laços com os conteúdos que resulta no fenômeno da sociabilidade, ou seja, na forma lúdica de sociação. Na sociabilidade as interações são valorizadas por si mesmas, é uma forma de associação em que as pessoas se unem simplesmente pelo desejo de estarem juntas, de compartilhar momentos, sem que haja necessariamente um propósito ou objetivo específico além da própria convivência. Enquanto na sociação, a forma se baseia no conteúdo, na sociabilidade a forma constitui seu conteúdo com finalidade em si mesma. O ponto central da sociabilidade se resume no prazer ou interesse que é próprio da conexão social, em interagir e pertencer a um grupo.

Os conceitos sentido e significado e sociabilidade dos autores citados acima demonstram a importância e centralidade das interações sociais na formação e manutenção de uma unidade/sociedade, assim como na forma em que se vivencia a cultura, bens culturais e a música. As relações se mostram essenciais para produzir, se conectar, aprender e conviver com o outro assim como são geradoras de sentimentos e satisfação e de pertencimento a um grupo. Assim, tanto o foco de Simmel (1983), como o de Vygotsky (1987, 1992) e Luria (1986) no contexto tratado, se dá nas interações sociais. Como citado no pensamento das autoras, a música e sua significação coletiva acontece por meio dessas interações sociais, por meio das relações humanas, do contexto social, histórico, político e econômico, ou seja, por meio da sociedade.

A essencialidade das interações sociais para a construção da significação musical se evidencia nos resultados da pesquisa mais adiante. O sertanejo enquanto fenômeno cultural e musical se mantém relevante por representar seus ouvintes de diversas formas como por emoções, experiências e vivências pessoais, tanto em nível individual quanto em nível compartilhado com outros por laços de afetividade, memórias e estilos de vida similares por meio da sociabilidade.

CAPÍTULO 3.

CASA, PEDAÇO E CIRCUITO: USOS CULTURAIS EM INTERAÇÕES

Tendo em vista o objetivo de compreender os significados do sertanejo para os jovens do DF em conexão com relações sociais, laços afetivos familiares, sociabilidade em grupo, memórias e lembranças construídas a partir de interações, priorizei as categorias de “casa”, “pedaço” e “circuito” com a finalidade de qualificar e analisar a empiria composta ao longo do trabalho de campo. A escolha deste repertório conceitual e sua mobilização se fez a partir da montagem do quadro teórico-analítico abaixo descrito a partir da interlocução com um conjunto de intérpretes socioantropológicos.

Ao considerar as relações sociais no contexto brasileiro, a noção de pessoa e a dicotomia entre Casa e Rua, desenvolvida por Roberto Da Matta (1997), tornam-se significativas para compreender a relevância das interações e relações sociais, especialmente no âmbito familiar e na organização social para a sociedade brasileira. Essas categorias ajudam a revelar como as dinâmicas sociais e os vínculos afetivos são organizados, destacando o papel central da família nas práticas cotidianas e na construção de uma identidade coletiva. De acordo com Da Matta (1997), a noção de pessoa pode ser compreendida como uma vertente coletiva da individualidade. Ele a descreve como uma máscara atribuída ao indivíduo ou entidade individualizada que o transforma em ser social. Esse movimento se dá através de rituais com o intuito de incorporar esses elementos à sociedade, convertendo-os em algo socialmente significativo. Jessé Souza (2001) ao comentar sobre a obra de Da Matta (1997) desenvolve que “pessoa” se definiria como um ser relacional que só é possível de ser compreendido em um sistema social que tem como fundamental em sua construção as relações de família, amizade, compadrio, favores e trocas de interesse. Sobre os conceitos de “casa” e “rua”, Da Matta (1997) os apresenta como uma oposição básica representadas pelas noções de pessoa e indivíduo respectivamente. Segundo ele, é na casa que as relações são marcadas pelos laços de sangue ou substância em que o indivíduo se torna pessoa através de rituais que nos ligam ao mundo e sociedade e é nesse espaço que as relações sociais são regidas pela afetividade. Novamente, o que se destaca sobre a obra é a análise da sociedade brasileira marcada como relacional e a relevância das relações sociais e do conceito de “casa” como um espaço que simboliza as interações e os vínculos humanos, um lugar de construção da identidade e das conexões afetivas. Nessa perspectiva a sociedade brasileira tem como núcleo de seu esqueleto as relações sociais e assim, o afeto é visto como um elemento fundamental que guia as interações e molda a forma como a sociedade se estrutura. Essa forma de análise permite compreender a importância das relações sociais, especialmente familiares, permeadas por vínculo, memórias,

afetividade, emoções e lembranças. Conforme será explorado adiante, com base em Da Matta (1997), é no cotidiano da casa e em encontros familiares mais amplos, como celebrações e festividades, que o ritmo sertanejo assume um papel relevante e significativo. O gênero musical, além de expressão cultural, conecta as pessoas a um sentido de pertencimento e identidade, reafirmando os laços sociais e emocionais que sustentam uma forma de organização social da sociedade brasileira.

Outros conceitos teóricos relevantes e indispensáveis para compreender as diferentes maneiras de os jovens se relacionarem com a música sertaneja são os de “pedaço” e “circuito”, desenvolvidos por José Guilherme Cantor Magnani. Na entrevista Antropólogo no pedaço feita por Bárbara Côrtes Loureiro e Igor Maciel da Silva, Magnani (2023) relata que inspirado na obra de Da Matta e em seus conceitos de Casa e Rua desenvolveu uma nova categoria analítica voltada ao estudo do espaço urbano e das interações sociais, denominada de “pedaço”. Segundo o autor em *O circuito dos jovens urbanos* (2005), “pedaço” seria o lugar dos “chegados”, um espaço intermediário entre Casa e Rua que se desenvolve um tipo de sociabilidade mais ampla que a familiar, porém mais densa e significativa que a sociabilidade da rua, do desconhecido. De acordo com ele, a sociabilidade que ocorre no “pedaço” envolve pessoas que compartilham algo em comum, como preferências similares relacionadas a formas de lazer, a paixão pelo mesmo time de futebol, a participação na mesma igreja ou o apreço por um determinado ritmo musical. Uma característica essencial do “pedaço”, além do espaço físico, é a rede de relações que se forma nesse contexto, marcada por laços de parentesco, vizinhança, vínculos por participação e procedência. Assim, é no “pedaço” que também se entrelaçam as dinâmicas do cotidiano, a rotina, o lazer, as trocas de informação e as participações em atividades comunitárias (Magnani, 1992). Para o autor, o conceito de “pedaço” assume uma nova configuração quando aplicado ao centro da cidade. Nesse cenário, os frequentadores não necessariamente se conhecem por vínculos estabelecidos no bairro de origem, mas se reconhecem por meio de símbolos compartilhados que refletem gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes. “Pedaço” é relevante para a presente pesquisa porque, como será abordado mais adiante, alguns dos entrevistados se reúnem em espaços como bares próximos de suas casas, locais de trabalho ou instituições de ensino para socializar com seus amigos e família ao som de sertanejo.

Ao pesquisar sobre o comportamento de jovens no espaço urbano, Magnani (2005) desenvolve “circuito”. Para tal, ele retraça outras denominações como tribos urbanas de Michel Maffesoli. Segundo Magnani (2005), o ponto central da análise de Maffesoli é a dimensão afetiva de pequenos grupos de jovens, descritos como comunidades emocionais efêmeras,

locais, voláteis e diferenciadas, sem uma estrutura organizacional definida. No entanto, Magnani aponta que o uso do termo "tribos urbanas" apresenta limitações, especialmente pelo mal-entendido no sentido de "tribo" e pelas conotações estigmatizantes na mídia. Assim, o termo "culturas juvenis" de Carles Feixa é apresentado como alternativa. Essa mudança não se limita a uma alteração terminológica, mas também reflete uma nova forma de análise. De acordo com Magnani (2005), Feixe observa que "culturas juvenis" é amplamente utilizado na literatura acadêmica, especialmente nos estudos culturais. Essa nova forma de análise enfatiza a identidade, a vida cotidiana e os atores e aponta para as formas coletivas de expressão das experiências juvenis. Dentro desse contexto, Magnani (2005) propõe a denominação de "circuitos de jovens" em contraposição e complementariedade aos termos citados anteriormente. Segundo o autor, o que se enfatiza aqui é a inserção dos grupos na paisagem urbana, mais do que a condição de jovens como um denominador comum. A proposta de Magnani (2005) é analisar os espaços onde os jovens circulam, seus pontos de encontro, ocasiões de conflito e as relações de troca que estabelecem entre si com foco na permanência e regularidade da sociabilidade. Circuito se apresenta como a categoria mais abrangente do autor que permite a identificação e construção de totalidades analíticas ao mesmo tempo que permite extrapolar o espaço físico, proporcionando outros recortes não restritos a território.

"Com relação a circuito, trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. A noção de circuito também designa um uso do espaço e dos equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contigüidade, como ocorre na mancha ou no pedaço." (MAGNANI, 2005, p. 179).

O conceito de "circuitos de jovens" será relevante neste trabalho, especialmente quando abordado, mais adiante, os festivais e shows de música sertaneja, assim como os diferentes espaços de socialização que envolvem esse gênero musical. A ideia de Magnani de mapear as conexões e os lugares frequentados pelos jovens pode oferecer uma perspectiva enriquecedora sobre como a música sertaneja circula e se torna um elemento de encontro, identidade e troca cultural entre os jovens em diversos contextos urbanos.

a. Metodologia

Segundo David E. Gray (2012), a pesquisa qualitativa tem como papel obter um panorama holístico e contextual que inclui as percepções dos entrevistados. O autor desenvolve

que ao envolver as interações da vida cotidiana de grupos, comunidades e organizações, a pesquisa qualitativa, pode mostrar como e por que as coisas acontecem, incluindo motivações, emoções e preconceitos dos participantes. A pesquisa qualitativa é marcada por sua abordagem voltada para a compreensão aprofundada dos fenômenos, considerando tanto os sujeitos quanto estruturas sociais. De acordo com a autora Maria Cecília de Souza Minayo (2016) a pesquisa qualitativa foca no que ela chama de universo dos significados, ou seja, as construções simbólicas criadas pelos sujeitos sobre suas realidades. Assim, esse tipo de pesquisa analisa crenças, motivações, valores e ações humanas. A autora destaca que as diferenças entre as abordagens qualitativas e quantitativas estão na natureza distinta dos fenômenos estudados. Isso ocorre porque os significados atribuídos pelos indivíduos às suas realidades sociais são difíceis de traduzir apenas em dados numéricos. Vale ressaltar também que, segundo Gray (2012), a pesquisa qualitativa não precisa adotar uma abordagem restrita, podendo ser composta por entrevistas, observações e questionários.

Diante dos objetivos do presente trabalho e estabelecido a pertinência da pesquisa qualitativa, a entrevista semiestrutura se evidencia como a mais adequada. Segundo Márcia Lima (2016), a entrevista se mostra como uma conversa que pode variar em grau de sistematização, tendo como finalidade, obter, recuperar e registrar as experiências de vida armazenadas na memória das pessoas. De acordo com a autora, o entrevistador tem um papel ativo no acesso das lembranças e reflexões dos participantes e é através da entrevista que se pode compreender experiências, valores, perspectivas, aspirações e motivações. Sobre a entrevista semiestruturada, Lima (2016) coloca que há um roteiro estruturado em que se é estabelecido um determinado número de perguntas principais e específicas, porém que permite a inclusão de outras questões ao longo da entrevista. Assim, as questões principais foram elaboradas em concordância com os objetivos da pesquisa, mas ao surgirem na entrevista outros pontos relevantes não englobados, outras perguntas foram feitas.

a.1. Questionário

Como colocado no prólogo, os objetivos de pesquisa se modificaram bastante ao longo de sua realização. Parte importante da redefinição do estudo atual foram as respostas obtidas através de um questionário digital aplicado na Universidade de Brasília em outubro de 2023 com o intuito de traçar o perfil social dos jovens ouvintes de música sertaneja residentes no Distrito Federal, bem como identificar os locais que frequentam para ouvir esse gênero musical. O questionário foi respondido por 51 participantes e, embora seus objetivos sejam distintos dos da pesquisa aqui apresentada, mantém-se relevante por fornecer termos e respostas que serão aprofundados em seguida por meio das entrevistas semiestruturadas. Sumariamente, os

resultados do questionário estão em congruência com as pesquisas citadas no Capítulo 1 nos quesitos de diversidade e heterogeneidade dos ouvintes de sertanejo, que demonstram um público multifacetado, mesmo com uma amostra reduzida. Porém, o que possui pertinência aqui, foram as razões apresentadas pelos participantes da preferência pelo sertanejo em relação a outros gêneros musicais. A palavra "família" foi mencionada em 10 respostas distintas, indicando que a temática familiar é um elemento central na apreciação do sertanejo. Outros termos que sugerem essa ligação assim como com laços afetivos incluem: "infância", "memória", "lembança", "nostalgia", "criação", "origem" e "raízes". Além disso, sentimentos expressos em palavras como "afeto", "conexão", "partilha", "sofrer" e "vibe" reforçam as emoções pessoais que o gênero musical evoca para seus ouvintes. A música em si, sua composição e os temas abordados também foram destacados como motivos para o gosto, com termos como "animação", "letra de amor e festa", "composição", "sertanejo feminino", "letras e dança" e "toque musical" ressaltando a riqueza do conteúdo musical sertanejo. O termo "cultural" apareceu uma vez em uma das respostas, indicando que o interesse pelo ritmo musical sertanejo está ligado não apenas à apreciação artística, mas também às relações sociais e significados compartilhados por grupos. Esses elementos, juntos, mostram que a música sertaneja não é apenas uma preferência estética, mas também um reflexo das vivências e das interações sociais dos ouvintes, especialmente no contexto das relações afetivas e identidades culturais.

Em relação aos momentos do dia em que os ouvintes costumam ouvir sertanejo, 18 pessoas indicaram que escutam durante o trajeto em transportes, seja no carro ou no transporte público, enquanto 13 mencionaram que escutam durante tarefas domésticas. Esses dados são pertinentes porque aparecem em falas dos entrevistados, apesar de não ser o foco central. Outros 11 participantes afirmaram que ouvem a música a qualquer momento, 9 em festas ou eventos, e 6 em momentos em família. Essas respostas são ainda mais significativas porque mostram a presença da socialização e das relações familiares no processo de escuta do estilo musical que será tratado ao longo da análise das entrevistas. As repostas apresentadas pelos participantes do questionário evidenciam o caráter cotidiano do sertanejo na vida das pessoas e os diversos papéis que o gênero pode desempenhar. O sertanejo se mostra socializante e formador dentro do ambiente familiar, conectando gerações e expressando sentimentos cotidianos. Além disso, é uma presença marcante em eventos de lazer, como festas e bares, que promovem sociabilidade, diversão e interação.

a.2. Entrevistas

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas entre 14 de novembro e 12 de dezembro de 2024, com um total de 26 participantes. Elas ocorreram presencialmente na Universidade de Brasília e virtualmente por chamada de vídeo. Assim, o recorte espacial inicialmente colocado deixou de ser um fator limitante, o que permitiu uma maior diversidade de participantes. Apesar disso, o foco se manteve, predominantemente, em jovens que habitam o Distrito Federal. As perguntas abordaram aspectos como local de nascimento dos participantes, assim como o de suas famílias, memórias afetivas, preferências temáticas dentro do ritmo sertanejo, socialização através da música, hábitos de consumo, incluindo onde o gênero é ouvido, sentimentos ao ouvir o estilo e conexão com uma identidade regional. Dos 26 participantes da pesquisa, 16 são homens e 10 são mulheres, com idades variando entre 19 e 33 anos, sendo a maioria universitários. Quatro participantes não residem no DF: Frank, que mora em Anápolis; Isabelle, no Rio de Janeiro; e Zé Neto e Shayra, em Goiânia. Outro recorte importante para a pesquisa envolve João Pedro, Pedro M., Moisés e Lucas, que nasceram no Goiás, mas atualmente vivem em Brasília, além de Israel, natural do Amazonas, e Davi, de Minas Gerais. A apresentação dos resultados e sua análise foram organizadas em grupos identificados a partir de padrões repetidos nas respostas dos participantes. A organização segue os seguintes eixos:

1. Origens e conexões regionais - Diferenças de convivência com a música sertaneja entre pessoas nascidas no Goiás e no Distrito Federal; Preferência por temáticas ligadas ao estilo de vida rural; Influência da família na formação do gosto musical.
2. Cotidiano e memória afetiva – O sertanejo no ambiente doméstico e nas rotinas diárias; Lembranças familiares e identificação ligadas à música sertaneja; Importância do feminejo; Sofrência como categoria em evidência.
3. Sociabilidade e espaços de lazer – Influência de amigas e grupos sociais na experiência musical; Sociabilidade nos bares por meio da música sertaneja e conexões com o conceito de “pedaço”; Expansão da vivência musical em shows, rodeios e cavalgadas relacionado a “circuito”.

b. Resultados

Eixo 1 – Origens e conexões regionais

Como mencionado anteriormente, a possibilidade da realização de entrevistas virtuais permitiu a participação de jovens que residem fora do Distrito Federal. À primeira vista, na análise dos resultados fica evidente a diferença da presença do sertanejo no DF em relação a

outras cidades do Goiás, conforme a fala de seis entrevistados. O eixo 1 é então introduzido pelo caráter universal que a música sertaneja apresenta em algumas cidades do Goiás e Minas Gerais. O termo “universal” foi citado por Isabelle de 23 anos, estudante de Design, moradora do Rio de Janeiro, que viveu parte de sua vida em Goiânia, para descrever a presença e o gosto pelo sertanejo na cidade, em comparação com Brasília: “Em Goiânia eu vejo que o sertanejo é uma coisa muito universal. Todo mundo ouve não importa a idade e cada um ouve o subgênero que mais gosta, mas tem de tudo pra todo mundo. Então, acho que em Goiânia tem muito essa coisa do sertanejo raiz que é essa coisa que em Brasília eu já não vejo tanto”. Frank de 22 anos, estudante de Direito nascido em Itaguaru e morador de Anápolis também comenta sobre a universalidade do sertanejo em sua cidade: “O sertanejo é meio que obrigatório de todas as crianças escutarem porque em todo lugar está tocando. Eu acho que tem um problema aqui no Goiás porque as pessoas fecham um pouco a cabeça pra outros gêneros. Escutam só sertanejo”. Shayra de 23 anos que trabalha como técnica de enfermagem e mora em Goiânia ao se referir a cidade diz: “Então, acho que o sertanejo, ele se circula por todos os âmbitos, todos os ambientes. É diferente dos outros estilos musicais, que tipo, é mais de grupinho assim. Acho que o sertanejo, ele consegue circular em tudo.”

Zé Neto de 19 anos, organizador de estoque que também mora em Goiânia comenta sobre sua experiência pessoal em relação a sua sexualidade e espaços de música sertaneja:

“Aí em Brasília eu não me sentia tão confortável pelo fato de eu ser homossexual e é muito difícil você ver homossexual em show sertanejo. Aqui em Goiânia você vê muitos, então acaba que você se sente mais confortável no ambiente... Aqui eu me senti muito mais confortável em questão de me divertir, de conversar com as pessoas porque aqui é muito presente. Em Caldas Novas, que a gente foi agora pro Caldas Country, foi uma experiência incrível. Até a Parada Gay daqui só toca sertanejo”.

Como visto na trajetória do sertanejo, o estado do Goiás é emblemático para esse ritmo, principalmente a partir do Sertanejo Universitário. Não apenas o estado exporta diversos cantores, intérpretes e artistas da música sendo um centro produtor do ritmo, como também o sertanejo compõe o dia a dia das cidades, como o ritmo mais escutado e que se conecta a uma identidade cultural regional.

Em Brasília, apesar do sertanejo ter sua popularidade, o ritmo divide espaço com outros gêneros musicais como o pagode, o funk, o rap e a MPB. A fala de Isabelle, em sua perspectiva evidencia o gosto intergeracional e a presença da música raiz, assim como a de Frank que, por sua vez, expressa a influência do “meio” nas gerações mais novas que as coloca em convívio com o ritmo. O comentário de Shayra demonstra como o sertanejo circula por todos da cidade, o que afirma sua manifestação no cotidiano goiano. Em relação a outros ritmos, Shayra os

coloca representados por grupos, em contraste com a universalidade do sertanejo em Goiânia. A fala de Zé Neto possibilita a abertura de outros recortes, formas de análise e pesquisa ao relacionar sexualidade, eventos e música sertaneja. O que chama a atenção em seu comentário é o seu sentimento de inclusão e conforto em eventos por se identificar e reconhecer com frequentadores que tem a mesma orientação sexual que a sua em comparação com Brasília, onde não se sentia tão confortável. Fica evidente como em Goiânia o sertanejo é ouvido pelos mais diversos perfis sociais. Mais uma vez, é possível de observação que no Goiás, o sertanejo é um fenômeno que engloba diferentes recortes e grupos como também permeia a vida social de forma geral.

Essa presença predominante do sertanejo no estado também se manifesta através da fala de João Pedro de 23 anos, estudante de arquitetura e Pedro M. de 26 anos, estudante de direito que nasceram e viveram parte de suas vidas em Luziânia e Iaciara no Goiás, respectivamente. De acordo com João Pedro: “Eu tenho escutado bastante ultimamente, mas desde que eu nasci. Todos os lados da família, parte de pai, parte de mãe, todo mundo escuta sertanejo e sempre era o que estava tocando. Em Luziânia também, na cidade toda”. Além da notável influência do “meio”, da cidade, onde o sertanejo se manifesta, é visível a importância familiar para a concretização do gosto. Pedro M. ao ser perguntado se em sua cidade natal há uma expressão significativa do sertanejo responde: “Sumariamente sim. A cidade como um todo escuta muito sertanejo. Escuta muito sertanejo e muito axé do interior”. Aqui ele afirma que o ritmo sertanejo é significativo em Iaciara, mas divide espaço com outro ritmo que ele caracteriza como do interior.

Davi de 26 e advogado, nasceu em Paracatu, Minas Gerais e fala da relevância do sertanejo em sua cidade: “Olha, eu acho que tem fator cultural, assim, do meio né? Porque aqui é muito comum você ter em qualquer festa o sertanejo..., mas o sertanejo sempre foi muito comum aqui, assim, nas festas, né? E aí, a partir do momento que eu comecei a gostar, aí eu comecei a perceber como que em todo lugar tocava sertanejo”. Davi comenta que outros estilos tocam na cidade como o brega, o funk e o pagode, mas não necessariamente são bem recebidos por todos. Ele apresenta a solução que geralmente é dada: “Então toca sertanejo pra ser música ambiente, pra agradar gregos e troianos”. Nesse caso o sertanejo é presente, porém muitas vezes com uma função diferente do que a vontade coletiva específica de ouvir o ritmo, mas como redutor de tensões e conflitos por agradar a todos em geral. Em conclusão, foi apresentado no tópico inicial do eixo 1, a universalidade do fenômeno sertanejo em cidades do Goiás e, no caso de Davi, em Paracatu, Minas Gerais. Especificamente, o que se ressalta é a presença e o apreço da música sertaneja nessas localidades através de um gosto compartilhado por seus habitantes

e como essa relação e influência não se expressa da mesma forma no DF. No caso dos participantes acima, as interações do dia a dia na cidade e a presença incontestável do sertanejo em “todos os lugares” se manifesta como uma influência considerável para gostar do ritmo a partir da convivência generalizada. Pedro M. contempla em sua fala a afirmação acima sobre a influência do local de nascimento e conecta os tópicos que virão a seguir sobre temática das músicas, família e memória:

“É cultural. A gente cresce escutando sertanejo, vendo os pais escutando sertanejo, cria memórias afetivas, cria memória ali num momento também e tal... Acho que foi o ambiente. Foi o ambiente que começou, isso foi me atraindo muito, fui construindo memórias sociais, memórias afetivas, memórias dentro disso, desses contextos e quase sempre o modão estava nesse meio.”

O segundo tópico do eixo 1 se concentra na preferência de alguns entrevistados nas músicas sertanejas voltadas para a temática de estilo de vida rural, conectadas a histórias do campo e que se expressam no sertanejo raiz e no “modão”. Pedro M., já citado, Moisés de 24 anos, estudante de medicina veterinária e Lucas de 23 anos, estudante de mestrado na área de saúde animal são nascidos no Goiás, respectivamente em Iaciara, Senador Canedo e Luziânia, mas residem atualmente em Brasília. Os três são colegas de Centro Acadêmico e frequentadores da fazenda Água Limpa da Universidade de Brasília. Em entrevistas individuais os três apresentam gostos parecidos pelo ritmo sertanejo centralizado em histórias sobre experiências rurais e estilo de vida conectado ao interior como a moda de viola e o sertanejo raiz. A preferência pode ser exemplificada por Pedro M.:

“Eu gosto mais das que falam sobre estilo de vida no campo. Gosto do amor também, mas não esse amor de sofrimento, de ela me deixou, não sei o quê, fui traído, mas assim, essas histórias de amor, sou apaixonado e tal. Também alguns temas sociais e aí é coisa bem antiga mesmo, aprendi por causa do meu pai. O meu pai que me ensinou elas, mas coisas bem mais antigas, tipo fala sobre reforma agrária, fala de algumas coisas. Não fala com tanta ênfase assim, tem que fazer e tal, mas comenta, fala sobre situações, fala sobre a situação do Brasil.”

A fala de Pedro M. explicita a influência familiar, nesse caso de seu pai, sobre seu gosto musical e especificamente na preferência pela temática social do campo presente no sertanejo. O comentário acima realça, mais uma vez, a importância da música em expressar vivências individuais e coletivas até em âmbito nacional com visto em “fala sobre a situação do Brasil”. Quando perguntado se o sertanejo é mais do que música, Pedro M. responde: “O sertanejo é modo de vida, uma filosofia, é um pensamento, é um grupo social.” Para ele, o sertanejo é uma forma de se identificar com outras pessoas que tem o mesmo gosto musical como também vivências similares a dele. Ao falar sobre sua conexão com o esporte e os animais, Pedro M. comenta: “Acho que uma coisa que mais conecta o sertanejo, principalmente na minha parte, é

o mundo do esporte mesmo, principalmente do cavalo”. Ele diz que apesar da popularidade do rodeio, as competições que envolvem cavalos conectam as pessoas e para ele essa conexão vem da infância: “Cresci montando cavalo na roça, mas não cavalo de competição. Cresci montando cavalo, montando bois, voando, brincando, esses negócios de menino de roça mesmo”. As vivências no meio rural de Pedro M. e suas conexões com o esporte e a música sertaneja fazem parte de sua história. Em resposta à pergunta sobre visitar sua família em sua cidade natal ele diz: “É meu ponto de apoio. Eu não posso deixar de lado minhas raízes. Então faço de tudo para estar indo lá sempre”. Para Pedro M. o sertanejo desempenha várias funções essenciais, cada uma delas conectando aspectos da sua vida ligados à sua identidade. Como visto em suas falas, o sertanejo é capaz de conectar as pessoas, gerar momentos de socialização, relembrar sua origem e vivências pessoais, transmitir ensinamentos e está presente no mundo do esporte em que pratica. O sertanejo se mostra aqui como uma forma de conexão com experiências vividas, aprendizados herdados, recordação do local em que nasceu e de sua infância, como também voltados para sociabilidade e divertimento. Esse mesmo interesse e conexão com o estilo de vida rural aparece nas respostas de Moisés:

“Eu acho bom porque fala do dia a dia que a gente tem na roça... Acho que minha preferida disparada é a Travessia do Araguaia. Essa é bem boa, a história dela é sobre transporte de boiada na região onde eu fui criado, na região do Vale do Araguaia... Essa música que falei pra você da Travessia do Araguaia... é a minha família tem propriedade lá no Mato Grosso na divisa com o Pará. Então quando eu era mais novo, eu tinha mais tempo, aí eu ia pra lá e ficava uma semana ou duas semanas. Era só no meio de gado. Então traz essa recordação desse momento na minha vida.”

O que fica evidente na fala acima é que Moisés não apenas gosta do estilo sertanejo e tem essa preferência pela temática, mas que ele se conecta de forma mais pessoal às músicas que falam da vivência da “roça” porque refletem sua realidade vivida. O conteúdo das canções com temáticas rurais se relaciona para o Moisés com suas experiências. A música “Travessia do Araguaia” também tem a função de recordação de momentos da sua infância em que passava com a família em área rural.

O Frank de Itaguaru, João Pedro de Luziânia, já citados e Arthur de 23 anos, estudante de História com família em São Domingos também tem esse apreço pela temática que retrata o estilo de vida do interior porque conseguem se conectar com experiências que tiveram no meio rural ou em fazendas da família. Frank afirma que a música “Carta Branca” do qual gosta bastante, o faz lembrar e traz muitas memórias do Araguaia. Ao ser perguntado se a música sertaneja representa de alguma forma a cultura brasileira ou do Centro-Oeste, Frank expressa: “Nos representa, mostra um estilo de vida, mostra um jeito simples de viver”. Ele também conta: “Meu tio tem fazenda, então desde pequeno eu sempre fui muito custoso, eu montava

em boi”. As falas de Frank se assemelham as de Pedro M. e Moisés. A vivência no campo, na natureza, com os animais é tema de diversas músicas sertanejas. Como visto nas repostas dos participantes citados a música sertaneja representa a vida no interior, o trabalho no campo e a realidade social desses espaços. Essa representação é significativa porque oferece senso de pertencimento e identidade sobre a própria realidade e permite a conexão com outras pessoas, como também serve de memória do campo para quem hoje mora em espaços urbanos como os entrevistados da pesquisa.

João Pedro fala sobre suas origens e o porquê gosta da música sertaneja: “O que mais me atrai é a forma simples de fazer poesia e mesmo assim ser muito bom. A sonoridade também me atrai bastante. Me identifico com a temática de estilo de vida, acho que pelas minhas raízes”. Ao responder sobre o que é sertanejo representa, João Pedro comenta: “Lá (em Luziânia) ainda tem muitas pessoas que você pode falar que ela é sertaneja, que é uma pessoa sertaneja, que tá no campo, que trabalha com pequenas produções, que cuida da própria terra. A meu ver, isso que é sertanejo”. João fala do uso da música sertaneja hoje e o que significa para ele:

“Eu acho que hoje em dia pra me identificar. Eu passei um tempo sem escutar e aí hoje em dia eu tenho escutado mais e eu acho que é uma forma de me identificar um pouco como pessoa. Eu comecei a prestar mais atenção nas entrelinhas, na parte poética e de toda forma como o movimento aconteceu. No sertanejo tem muito conhecimento que não está escrito, não é científico, às vezes não é oral também. Eu não sei, acho que talvez um pouco como uma forma de vida mesmo.”

Novamente, a música sertaneja que fala sobre estilo de vida rural é construída com base nas experiências dos trabalhadores e moradores do campo e as pessoas que têm ou tiveram essas vivências conseguem se reconhecer no estilo musical. A música sertaneja passa ensinamentos e valores rurais que permitem a conexão com a própria realidade. Arthur exemplifica o sentimento de conexão com o ritmo musical através da sua realidade e de sua família:

“A minha parada mesmo é aquele sertanejo do interior, da lembrança. É o que meu pai me passou, é a lembrança do campo, a criação da família, sabe? Então é isso que eu tenho pra mim... Meu pai cresceu nesse meio do campo, meu pai cresceu na ditadura, meu pai cresceu na lavoura, meu pai perdeu os pais cedo. Então quando ele teve que trabalhar no campo, ele tinha aquilo que era aquilo que tocava. Aí quando a gente ouve, por exemplo, Boi Soberano, Rancho Fundo, são memórias que conectam tanto a minha realidade com a realidade que eu vivi com meu pai, quanto a realidade do meu pai que conviveu com os pais dele, com o passado. Esse paradoxo que a gente vive é totalmente ligado por esse modão raiz. Então, tipo, tô ali. Pra mim é muito uma conexão, cuidar do gado, acordar cedo, ouvir o galo cantar. Quando eu vejo o cara cantando isso, eu me vejo ali, porque eu já estive ali. É muito louco.”

Fica evidente na fala dele, a importância da música sertaneja, pois ela se conecta à própria realidade do ouvinte e apreciador do ritmo. Escutar determinadas músicas sertanejas remete às lembranças, não só do espaço físico, neste caso, o campo, o interior e a “roça”, mas

principalmente às lembranças afetivas. Quando Arthur escuta o “modão”, a memória remete aos nostálgicos momentos cotidianos vividos em família. As lembranças e memórias ligadas ao ritmo sertanejo, são intergeracionais, vão passando de pais para filhos e construindo uma tradição porque não apenas Arthur viveu o campo como seu pai também. Frank também possui uma conexão afetiva com a música sertaneja, que atravessa gerações e se mantém viva como um elo entre passado e presente:

“O sertanejo é mais do que uma música em si, mais do que gênero musical em si. É estilo de vida. Tanto é que tem várias músicas do sertanejo que é fatos reais, como Menino da Porteira. É um tipo de música que desperta aquele sentimento de nostalgia. Quando eu tô com meu pai e minha mãe e eles escutam uma música antiga de moda de viola, eles falam que lembram da infância deles, falam da minha avó que gostava. Então você percebe que é passado de geração pra geração essa parada. É uma tradição. Eu escutando moda de viola lembro das minhas raízes, minha mãe escutando moda de viola, ela lembra de quando era criança. Ela lembra que meu avô escutava. Aí meu avô fala que lembrava do avô dele escutando. O principal é essa parada que o sertanejo passa de geração em geração e com certeza eu vou passar alguma música que eu gosto pro meu filho, vou falar: “Ô filho, eu escutava essa música aqui quando eu era pequeno”. E aí ele vai, querendo ou não, vai se entender com o sertanejo”.

A fala de Frank e de Arthur são similares ao abordar o aspecto geracional e identitário do sertanejo, destacando também sua função nostálgica que evoca lembranças de um modo de vida e de familiares. O que esse tópico revela, a partir das diversas falas dos entrevistados, é o caráter cultural e identitário regional associado ao gosto pelo gênero. Fica evidente a importância e a influência do meio social, da sociedade nas produções culturais e na formação das preferências musicais. A música, nesse contexto, representa uma coletividade que compartilha vivências semelhantes, atravessando relações e se construindo nas interações do indivíduo com os outros e com grupos. Além disso, ela se sustenta na identificação por meio de sentimentos e motivações comuns, reforçando laços e pertencimentos.

A partir das falas dos entrevistados já apresentadas, é evidente a relevância da influência familiar como um fator que leva ao gosto pela música sertaneja. O tópico 3 se debruça sobre a questão familiar como conexão importante e significativa com o ritmo sertanejo. A relação da música com a família e com o ambiente familiar é a categoria mais abrangente da pesquisa. Vinte e dois entrevistados citam, com ênfase, a importância de seus pais, irmãos, avós e outros parentes na formação de seu gosto musical. Como visto anteriormente nas falas de Arthur e Frank, o sertanejo e a família estão profundamente conectados. Isso porque o ritmo carrega valores, ensinamentos e sentimentos que são transmitidos por gerações. As canções sertanejas refletem experiências permeadas por afetividade compartilhadas em família. Para muitas pessoas, o primeiro contato com o sertanejo se dá por meio da convivência familiar e o gosto

musical é passado adiante de pais para filhos. Amanda de 20 anos e estudante de enfermagem conta como seu gosto pela música sertaneja começou:

“Desde o berço eu escuto sertanejo. Acho que é muito por causa da família, porque meu pai, ele tipo qualquer reuniãozinha de família assim o sertanejo já tá estourando. Então é algo que é desde a minha infância mesmo, que a gente sempre escutou. Final de semana, tá todo mundo de folga, pronto ou então tipo fazendo viagem daqui pra Minas geralmente visitar algum parente. Ali ele baixava, num pendrive, na época não tinha carro com *bluetooth*, já tinha as músicas tudo certinho, enfiava lá e a gente ia, passava a viagem inteira escutando”.

Pauliany tem 24 anos, é nutricionista e irmã da Amanda. Ela também fala da influência do pai na sua preferência musical: “Meu pai sempre gostou muito. Então ele botava pra gente desde modão até os mais atuais e não tinha pra onde fugir. A gente tava sempre escutando. Aí tinha dois caminhos, ou detestar, odiar a minha vida, ou seguir junto e gostar também.”. A influência dos pais não é uma experiência isolada das irmãs, Lana de 19 anos, estudante de psicologia fala: “Aí, desde sempre eu escuto sertanejo, por causa da minha família, né? Eu tenho mais convívio com a minha família materna, por parte de mãe e as minhas tias são todas de Minas, né? Então elas gostam muito de modão. Então sempre foi uma coisa bem familiar pra mim”. Ágata de 21 anos e estudante de ciências sociais comenta: “Minha mãe sempre gostou de sertanejo, o meu pai sempre gostou de sertanejo, o meu pai majoritariamente. Assim, teve uma época da minha vida que eu até morei com ele e aí assim, era sertanejo absolutamente o tempo inteiro. Jorge e Matheus era o predominante.” Thalita, pedagoga de 22 anos também fala sobre a importância que sua família teve na formação de seu gosto musical: “Acho que é muito, muito da minha casa mesmo assim, porque meus pais escutavam bastante e aí veio disso, né? Mas ao mesmo tempo também é muito eclético. Eu gosto muito de tudo, de rock, de pagode também. Assim, não é muito que eu costumo escutar porque o que vai no fone sempre é a playlist ali com sertanejo”. Seja com o “modão” ou com o sertanejo universitário, foi dentro de casa que as entrevistadas desenvolveram o gosto pela música sertaneja a partir da convivência com seus familiares. Nathalia de 24 anos e estudante de relações internacionais, recebeu influências de diferentes ritmos de sua mãe e de seu pai:

“Vem mais ali da família do meu pai. A família do meu pai é daqui, de Brasília, né? Então eles tiveram sempre essa conexão muito grande ali com o Goiás, com Minas principalmente, né? Que são locais que tem sertanejo muito forte também. Então sempre foi algo que eu escutei muito desde criança. Então eram dois polos, que pra mim era muito divertido, porque quando eu tava com a do meu pai, era sertanejozão, modão, sertanejo universitário em algum momento. E quando eu estava com a família da minha mãe, não. Já era o axé, o baiano torano, entendeu? É estar nesses dois ambientes diferentes, culturalmente diferente”.

Fica evidente na resposta de Nathalia a influência familiar, mas também a predominância de certos gêneros em regiões diferentes do país. Como ela coloca acima, o sertanejo tem um papel mais representativo para as pessoas do Goiás e Minas Gerais em contraste com o axé que se manifesta de forma muito significativa na Bahia, onde passou sua infância. Gustavo, físico de 33 anos com família em Goiânia conta da influência da avó: “Eu nasci em Brasília. Aí minha mãe, como a gente ia, sei lá, duas vezes por mês pra Goiânia pra ver minha avó e tal, nessas idas pra minha avó eu acabava escutando música sertaneja lá e por hábito acabei absorvendo”. Também pode ser observado mais uma vez, na fala de Gustavo a predominância do ritmo sertanejo em Goiânia. Camila de 28 anos, estudante de letras e Abraão de 19 anos e estudante de Educação Física falam sobre a forma que suas famílias escutam o ritmo sertanejo. Camila conta como seu gosto pelo sertanejo se desenvolveu por meio da mãe:

“Eu comecei a escutar na infância. A minha mãe gostava muito, muito de música. Então a gente ouvia de tudo e ela tinha muito CD, muito DVD, ela gostava muito. Ela seria a maior fã de Spotify. Ela colocava o CD pra tocar e deixava o dia inteiro tocando. Então tinha dia que era só sertanejo, aí a gente ouvia de tudo. Eu ouvia de tudo, tudo, tudo, tudo. Aí eu comecei a ouvir na infância por causa dela, né? E eu comecei a gostar muito. Então quando eu fiquei adolescente, fui tendo acesso, pude escolher as minhas músicas e eu acabei vendo que sertanejo era algo que eu gostava também e permanece até hoje”.

Além dos CDs, o rádio foi um dos principais meios de difusão da música sertaneja antes das plataformas digitais. Abraão fala sobre o uso do rádio pela família e como o gosto pelo sertanejo foi transmitido para ele:

“Minha família acaba que no final vai muito pro que toca na rádio, entende? Então tem bastante influência de rádio, até hoje. Entra no carro, eles escutam bastante rádio, FM e tudo mais. E como sempre, eu fui uma criança que desde novo gostou muito de música, de estilos musicais, tanto que hoje eu toco violão e uma série de outros instrumentos. Acabou que me encantei. Como foi com o modão, eles escutam, escutaram e creio que algum dia eu ouvi e achei muito legal e passei a procurar, passei a estudar”.

Aqui para Abraão, a transmissão da música sertaneja pelo cotidiano familiar se estende para o interesse na música como um todo, em seu estudo e na aquisição de um repertório musical. Abraão se dedica a aprender e tocar canções sertanejas. Israel de 24 anos, integrante do povo Ticuna e estudante de ciências sociais, também comenta sobre a presença de CDs e da rádio na forma em que o sertanejo se fazia presente em sua família. Israel conta também da relação construída com seu primo através da música e sobre a manifestação do sertanejo em sua comunidade:

“Na infância, na comunidade, eu morava na comunidade, o papai sempre comprava disco do Amado Batista, do Zezé di Camargo, curtia sempre... Desde sempre eu curto música do Gustavo Lima, eu cantava playback. Depois que eu entrei aqui na faculdade e com trabalho também, cada vez mais ficando sem tempo pra isso, mas eu traduzia a letra, traduzia as do Gustavo Lima, eu

cantava Marília Mendonça também. E tem o meu primo, também lá na comunidade, canta, ele continua cantando playback e traduzindo a música para a língua nativa. Os mais velhos da comunidade curtiam, dançavam, mas as gerações mais recentes já mudam. Gostam de outras coisas, gostam de outras coisas, como funk, forró. Dançavam e muito, faziam festa, dançavam, colocavam era disco na época. É, cassete, na verdade, né? Cassete e cantavam também”.

A partir do relato acima, é visível a expressão coletiva da música sertaneja para a sociabilidade e divertimento, o gosto das gerações mais velhas pelo ritmo e sua transmissão através das relações. A preferência pela música sertaneja é construída a partir das relações sociais comunitárias e familiares, por meio de interações que criam referências e memórias. Israel conta que em sua comunidade, o sertanejo se faz presente nos eventos sociais, envoltos em dança. O caráter social do sertanejo presente em família será explorado mais adiante porque se manifesta de forma significativa nos espaços familiares dos entrevistados. Frank, assim como Israel, tem uma lembrança afetiva com seu primo conectado ao sertanejo:

“Quando eu tinha 4, 5 anos de idade, eu e o meu primo, ele toca violão e sabe fazer a segunda. Aí a gente foi pra Goiânia. Aí chegando lá em Goiânia, menino custoso demais, saiu com o violão e eu com o chapéu na cabeça. Aí a gente chegou no terminal e eu falei assim: “Cara bora cantar aqui?” Ele falou “Vamo!”. Eu coloquei o chapéu no chão e a gente começou a cantar. Aí a galera passava e falava “carai esses moleques são afinados” e iam colocando dinheiro no chapéu. Quando eu olhei, pra menino, era muito dinheiro. Tinha uns 25 reais. Cara, a gente vai comer pra caralho. Foi com meu primo José Neto. Eu lembro até a parte que a gente estava cantando. Posso cantar aqui? Uma do Zezé assim...”

Assim como Abraão que toca e canta música sertaneja, Israel, Frank e seus primos também. O gosto pelo estilo musical não se restringe a escutá-lo, mas se desenvolve também por meio do canto e dos instrumentos e a apreciação pela música se estende a cantá-la. Esse movimento, a “utilização viva” da música, como visto nos relatos acima, conecta seus participantes a familiares que transmitiram e possuem a mesma conexão com a música. O Igor de 24 anos, cientista social e estudante de direito, relembra uma história de infância conectada a seu pai e ao sertanejo que evidencia, mais uma vez, a influência familiar e a presença do sertanejo no convívio da casa, permeado também por memórias afetivas:

“Meu pai, ele sempre curtiu muito Bruno e Marrone, né? E eu via os DVDs já criança. E aí, quando eu comecei a crescer, assim que eu tinha uns três, quatro, cinco aninhos, eu comecei a eu sei lá por quê, mas eu lembro que eu comecei a toda vez que eu ia na casa da minha tia, eu fazia uma apresentação. Tipo, coisa de criança, mas eu cantava aquela música do Dormi na Praça do Bruno e Marrone. Então veio do meu pai, mas o meu pai, eu acho que ele teve isso porque ele morou um tempinho em Uberlândia, né? E lá você ouvia demais, dos meus tios lá, enfim, mostrando pra ele o Trio Parada Dura e as coisas assim do interior de Minas. E aí eu cresci e enfim, aí acho que por memória afetiva eu continuei gostando, né?”

Novamente, a influência da família no gosto por esse estilo musical é um fenômeno marcante, que transcende gerações e reforça laços afetivos. Como visto nos relatos dos participantes, desde cedo, muitas crianças são apresentadas à música sertaneja por meio de seus pais, avós ou outros familiares. O convívio cria uma identificação emocional com o gênero, fazendo com que as letras e melodias se tornem parte da memória afetiva de cada indivíduo. Para muitos, ouvir sertanejo é como reviver momentos de infância, lembrar de histórias contadas pelos mais velhos ou sentir a presença de entes queridos - tópico que será tratado no eixo 2 com maior profundidade. Além disso, a música sertaneja reflete valores e tradições familiares, como a importância da união, do trabalho no campo e da simplicidade da vida rural. Como apresentado nos relatos acima, esses temas ressoam profundamente em famílias que têm origens no estado do Goiás e Minas Gerais, onde o sertanejo representa um modo de vida. Assim, o gosto pelo gênero acaba sendo transmitido de geração em geração, que conecta a família emocionalmente.

Eixo 2 - Cotidiano e memória afetiva

O eixo 2 se dedica a elaborar a presença do sertanejo no cotidiano, em casa e em eventos familiares que se conectam a lembranças e construções afetivas parentais. A partir da exposição anterior da sociedade brasileira como relacional em Da Matta (1997), é no espaço da “casa”, onde a música sertaneja se manifesta consideravelmente, que as relações sociais são marcadas por laços emocionais familiares, tendo o afeto como guia das interações e dos vínculos. A “casa” simboliza as interações como um lugar de construção da identidade e das conexões afetivas. O sertanejo tem como função em muitas casas brasileiras de trilha sonora para atividades rotineiras em família, possível de observação na fala de Abraão:

“A gente escutava muita música, o que passava na rádio. Então minha mãe vivia com o rádiozinho dela ligado casa, na cozinha ali, eu criança. Lembro de estar brincando e ela com o rádiozinho dela ligado, acabava tocando e tocava muito sertanejo. Acho que é uma característica daqui do DF. Sempre toda na rádio, é impressionante. Então, acabava que tocava muito, muito, muito. A gente foi pegando, né?”

Abraão conta acima de uma memória de infância com o sertanejo sendo plano de fundo da rotina da casa. Da Matta (1997) estabelece que a “casa” tem um papel significativo na formação dos sujeitos em “pessoa”, ou seja, na formação identitária de cada um. A família, através de interações e na construção de relações dentro de “casa” por meio dos vínculos afetivos tramite esses laços emocionais entre seus componentes familiares que viabiliza a formação da identidade. Camila tem uma experiência semelhante à de Abraão e lembra do convívio com a mãe em casa e da presença do sertanejo no dia a dia:

“Eu lembro que ela gostava muito de limpar a casa. Aquela coisa, pra dar faxina, sabe? E ela tinha esse hábito de vamos fazer alguma coisa, vamos arrumar a casa, então coloca música. Então eu lembro muito, ela gostava muito do Zezé di Camargo e Luciano também. Ela falava que era apaixonada pelo Zezé, então toda vez que eu ouço eles eu lembro muito dela. Dessas tardes que a gente ficava em casa arrumando, fazendo alguma coisa ali com a música de fundo.”

A fala de Abraão e de Camila exemplifica a presença do sertanejo no cotidiano familiar e, como já colocado, é trilha sonora de momentos rotineiros em conjunto. Thalita também fala da presença da música sertaneja em casa no dia a dia: “A minha mãe gosta de sertanejo, tanto que as várias músicas que a gente colocava assim, pra escutar, ela gostava de todas. E aí foi isso, foi ambiente porque ela também tinha esse costume de ouvir limpando a casa”. O sertanejo tem a função de plano de fundo, de gerar entretenimento ou divertimento enquanto a família realiza tarefas domésticas comuns do dia a dia brasileiro. A música sertaneja promove aqui a união durante a realização dessas tarefas ao conectar as pessoas em convívio e gerar laços afeitos com o momento e com a música. Além de estar presente em momentos cotidianos como durante a “faxina” e nas tarefas domésticas, o sertanejo também é frequente em comemorações e eventos familiares. Essas ocasiões são marcadas por celebração, comida, bebida e a música sertaneja. Continua evidente a importância do ritmo sertanejo no dia a dia da família e em datas comemorativas, que pode ser compreendido na fala da Lana:

“Mas sempre que a gente tá em reunião de família, liga o karaokê e fica cantando, eu e meu irmão. Geralmente no Natal ou Ano Novo, essas datas assim. Aí, geralmente, a gente, quando é reunião em casa, que a gente às vezes também faz churrasco no clube, aí a gente coloca pagode, essas coisas, mas reunião em casa sempre acaba no sertanejo. Vai no playback, vai para o sertanejo, aí todo mundo canta, é bem legal.”

Erick de 24 anos, professor de física, lembra quando começou a escutar sertanejo em eventos da família: “Desde pequeno, nas festas de família sempre toca. E aí a gente vai conhecendo alguns, os principais, os mais famosos. Sempre toca sertanejo, forró, às vezes toca rock, ali de vez quando”. A Rafaela de 20 anos e estudante de biotecnologia, também comenta sobre lembranças em família com a música sertaneja: “Eu tenho mais essas memórias relacionadas à festa de família. O pessoal curte, gosta e coloca pra trocar. Sempre tinha momento com sertanejo, impressionante. Tem gente do antigo, atual, aquele pop sertanejo”. Em resumo, Lana, Erick e Rafaela falam acima da presença da música sertaneja em momentos de comemoração em família, marcados pela celebração, sociabilidade e pela música sertaneja. Mais uma vez, gerando laços emocionais e promovendo vínculos entre as pessoas no espaço familiar que compõe as identidades. Em adição, o sertanejo pode se dar em reuniões familiares que envolvem alguma celebração, mas também acontecem com mais regularidade quando voltada para momentos de lazer e entretenimento familiar. Esses relatos foram ouvidos também,

por outros cinco participantes. João Pedro tem memórias em família marcadas pelo sertanejo: “Tenho muitas memórias dos encontros que tinham na família por parte do meu pai. Todo final de semana, a gente se encontrava para fazer churrasco e ouvir sertanejo o dia todo”. Frank também destaca essa lembrança e experiência em família:

“Na minha família a maioria é do sertanejo, sertanejo raiz assim, tipo, quando eu escuto um sertanejo antigo eu já logo lembro de quando eu era mais novo, lembro dos bares que tocavam as músicas, lembro lá de casa que a galera chegava e reunia e colocava uma moda de viola, tomavam uma cerveja. Isso aí me traz muitas lembranças. Ainda tem essas reuniões e sempre toca sertanejo porque se colocar outro tipo de música a galera fala: “Não, como assim?”

A tradição de se reunir aos finais de semana para comer e socializar em família com a presença do ritmo sertanejo formando outros hábitos específicos também acontece na família de Amanda e Pauliany, visto na fala da última:

“Eu compartilho quando eu vejo uma música, sei lá, que é interessante, porque todo mundo gosta, escuta. Aí a gente mostra pro outro. E com meu pai, todo fim de semana as pessoas se juntam, pra comer churrasco. Aí a gente tem uma tradição que é assim, cada pessoa coloca uma música e o celular vai rodando. Então todo mundo escuta de tudo que todo mundo gosta. Passa Rick e Renner, passa Milionário e José Rico, passa Zé Neto e Cristiano, passa Matheus e Kauan, passa de tudo.”

A participação do sertanejo conectado a alimentação conjunta familiar e a socialização entre os membros se mostra recorrente na rotina dos entrevistados. Gustavo relata como seu gosto pelo sertanejo se desenvolveu através das reuniões em família:

“A família da minha mãe, a família materna mora toda em Goiânia e sempre que a gente ia para Goiânia a gente acabava escutando música sertaneja, porque o pessoal joga truco e come galinhada e bota sertanejo pra tocar. Então nesse aspecto acabou que por ser uma coisa fundacional assim, sempre que ia mexer com festa de família e tal, acabava escutando, eu acabei que assim, não tive resistência e eu meio que entrei no status quo da família e acabei escutando música sertaneja desde o começo.”

É notório que o sertanejo apresenta uma função nos eventos familiares. No caso de Gustavo, não apenas o fez ter contato e se conectar a música como é plano de fundo da socialização de sua família. A música sertaneja desempenha o papel de aproximar familiares, promover vínculos afetivos e a sociabilidade entre as pessoas. O ritmo musical é presente no dia a dia da casa, permeando as relações sociais e as interações familiares, como também é expressivo nos eventos comemorativos. As festas em família, como colocadas nas respostas dos participantes, tem funções na formação de vínculo e afetividade entre familiares. O sertanejo se apresenta como uma forma de união, que evoca emoções e como um elo entre as pessoas, uma forma de conexão entre elas ou então, como apresentado, trilha sonora para momentos de entretenimento. Ágata tem uma vivência com a dança, assim como a de Israel:

“Eu sempre gostei muito de dançar. Aí assim, quando eu ia festas de família, principalmente a família do meu pai, que é menos religiosa, sempre tocava muito sertanejo e forró. E aí ficou muito presente esse rolê de dançar com os meus primos, de dançar com meu pai, tipo a última festa que a gente foi, olha, é memória afetiva também, eu tenho até vídeo dele dançando com o meu pai e tal.”

Mais uma vez, se torna evidente a “utilização viva” da música citada em Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007). O sertanejo é ouvido, dançado e cantado em família. A música sertaneja ganha significação coletiva porque é vivenciada no contexto social familiar e representa uma identificação de nível afetivo/emocional para aquelas pessoas que são membros do grupo. Ao mesmo tempo o ritmo também tem sentidos individuais, de experiências próprias e de compreensão para cada um dos participantes acima. Outro papel que o sertanejo desempenha está conectado as emoções e lembranças. Ao serem perguntados, os 26 entrevistados afirmaram ter memórias afetivas conectadas a música sertaneja. Todos os participantes relataram lembrar de momentos da infância ou de pessoas importantes em suas vidas ao ouvir sertanejo. O segundo tópico do eixo 2 foca nas lembranças evocadas em geral ao ouvir a música sertaneja. Inicialmente, o que é explorado é a importância do ritmo musical para relembrar familiares no geral e em específico aqueles que já se foram. Após tal apresentação, o foco se volta para a importância do sertanejo em relembrar a casa, a própria identidade. Por fim, a elaboração das memórias criadas entre amigos a partir da conexão com o estilo sertanejo. Isabelle, Pedro M, Moisés, Camila, Nathalia e Israel contam que ao ouvir músicas sertanejas específicas, relembram entes queridos já falecidos. Isabelle lembra os dias que passava com a avó:

“Mas também gosto muito do sertanejo raiz que me remete essa coisa da lembrança da minha avó. Minha avó ouvia muito o sertanejo raiz no radinho dela, que era um radinho pequenininho que ela colocava pra acordar a gente. A gente tava dormindo demais, ela ligava o rádio com o som estalando, colocava um modão raiz e ficava cantando até a gente acordar. Tem uma música que eu quero tatuar que foi uma música que minha vó numa tarde estava cantando muito. Acho que era uma música bem antiga e ela tinha lembrado, ela lembrou naquela tarde e ficou cantando e ela me pediu pra escrever a música pra ela, pra ela nunca mais esquecer e aí ela foi recitando a música, cantando a música e eu fui escrevendo. Posso cantar... Mas ela me fez passar a tarde inteira escrevendo a música e se eu escrevia “para, p,a,r,a” ela brigava comigo porque ela falava “não, não é assim que canta, tem que escrever do jeito que canta, então é pra” e eu tenho essa memória muito forte dela cantando vários sertanejos, varias músicas e eu lembro que ela lembrava do meu avô, que era o marido dela e que já tinha falecido alguns anos e ela lembrada assim com muito carinho dele quando ela cantava as músicas. Porque eu acho que eram músicas que ele cantava enquanto ele trabalhava, enquanto ele ficava ali na lida da roça. Eu tenho muitas memorias muito boas com o sertanejo assim”.

Mais uma vez, o sertanejo conecta gerações através da emoção e convivência. A lembrança da avó por meio da música sertaneja não é apenas de Isabelle, mas também de sua avó que lembrava o marido e que por sua vez cantava lembrando o campo. A música sertaneja

tem a função de despertar memórias afetivas, que transporta seus ouvintes para momentos especiais, lugares e pessoas que marcaram suas vidas. o sertanejo é uma trilha sonora emocional que acompanha gerações, conectando passado e presente por meio das melodias e letras. Pedro M. relembra sua primeira cavalcada com seu primo e os sentimentos com o “modão”:

“Tenho memórias da minha primeira cavalcada e de todas elas na verdade, mas a minha primeira foi muito marcante para mim ainda mais depois que meu primo que me mostrou isso tudo morreu, aí isso ficou mais marcante ainda porque eu sempre tenho apego àquelas memórias sempre pensando sempre voltando e tal sempre me apego a isso e isso também me faz querer, escutar mais modão e tal, por causa disso. Realmente ele tem muito peso nisso.”

Para Pedro M., a música sertaneja o faz lembrar do primo como o também os eventos de cavalcada, assim como o mundo do esporte que pratica. São os mais variados fatores que compõe a vida de Pedro M. representados pela música sertaneja, tendo ela como expressão. Moisés relembra sua infância, a vida no campo e o tempo que passou com seus bisavôs:

“Quando eu era pequeno, né? Que a gente morava na fazenda, divisa com o Mato Grosso do Sul lá. Minha mãe estudava porque ela foi mãe muito nova e gente morava na casa da minha bisavó. E meu bisavô, tipo assim, meu bisavô morreu em 2009, 97 anos, então eles eram bem idosos, só que eles eram ativos. Então a gente tinha muito costume de escutar música caipira, negócio que tem a influência dos meus bisavôs é muito forte. Era coisa de de manhã cedo ligar na rádio para escutar.”

A fala do Moisés evidencia a memória afetiva familiar, sua infância e a lembrança dos bisavôs, mas também a presença no cotidiano, a convivência com a música sertaneja no dia a dia permeando as relações sociais mais significativas. Nathalia relembra sua avó e seu gosto pelo sertanejo. Ela afirma a presença na sua infância e a música como uma representação da avó e o sentimento de pertencimento ao ouvir o gênero musical:

“Me traz conforto sim, porque eu conecto com coisas que são importantes pra mim, né? Como falei, foi algo que esteve presente na minha infância, é algo vivo da minha família que até minha avó escutava e minha avó faleceu, então sempre que eu estou escutando sertanejo é como se eu tivesse, sabe? Em casa, assim, com as pessoas, a minha família, com as pessoas que eu amo.”

O sertanejo funciona como uma ponte entre passado e o presente e traz à tona memórias afetivas e emoções. Essas memórias são reavivadas pelas melodias e letras que mantem as lembranças vivas. No dia a dia, a música sertaneja pode funcionar como um apoio emocional para reviver sentimentos. A música não está só presente como é capaz de lembrar quem já apreciou e ensinou o grito pelo ritmo. Camila sente saudade de sua mãe:

“O sertanejo é totalmente conectado à memória afetiva da minha mãe, assim. Não tem nem... Não tem como falar dela e não falar de sertanejo. A memória da minha mãe, com certeza. Minha mãe já morreu, então ela me lembra muito. Então o sertanejo me lembra muito a minha mãe. Me lembra muito a infância, a casa dela. Às vezes quando eu tô com pouquinho mais de saudade dela assim no dia a dia, é a playlist de sertanejo que eu coloco. Inclusive, eu tenho uma

playlist só de sertanejo no Spotify com as músicas que ela gostava de ouvir porque aí parece que a gente se aproxima. A gente sempre tomava café da manhã junto, né? E aquele negócio da música sempre ali tocando em algum momento, baixinho ou não, e eu lembro muito o café que a gente teve junto e ela cantando essa música (Colcha de Retalho). Aí ela cantava, errava a letra e eu “não, mãe, é assim”. Aí a gente cantou junto, sabe? E ficou gravado na minha memória”.

Abraão relembra o avô, a conexão dos dois com uma música sertaneja e de tocar para ele a canção representativa dos dois e comenta a marca dessa boa memória:

“Eu lembro que meu avô, pai da minha mãe, veio pra Brasília e levando ele pra passear nos locais, ele ouviu essa música (Dona Maria) e ele falava: Ó, essa música é do Abraão, essa música é dele” e aí ele andava por aqui. Toda vez que ele voltou pra Fortaleza que eu ligava, ele sempre falava: “E aí? Tá tocando a sua música?”. Num trequinho da música, ele falava que era menino muito apaixonado e ele escutou e disse que era minha música. Hoje essa música me lembra muito ele, infelizmente ele é falecido, mas antes dele falecer eu lembro de ir visitar e ele pediu pra tocar, pra cantar tudo e foi um momento bem legal e acho que vai ficar marcado assim pro resto da vida”.

Israel conta que ao escutar sertanejo, relembra seu tio e outras pessoas da comunidade que gostavam e se divertiam com o gênero musical. Ele se recorda de sua infância, dos momentos em família e das histórias que seu avô contava marcadas pela música. Para Israel, a música sertaneja representa seu gosto pessoal, algo que ele se identifica por gostar de cantar e pelo estilo dos cantores e pela presença da música em sua comunidade, a influência de seu pai e as boas recordações das danças e histórias de seu avô:

“Eu me lembro quando de manhã, o vovô tocava a rádio, ligava rádio, colocava no canal era sertanejo, Amando Batista, Zé di Camargo e Luciano. Às vezes ele colocava, era gravadora, caixinha de som. Ele colocava música, enquanto ele conta a história. Por exemplo, ele foi visitar algum lugar, ele contava a história, tudo que ele passa por lá, tudo enquanto a música toca, a gente imaginando, imaginando o que ele tava contando e tal. O lugar, a cidade, a galera com quem ele andava. Eu lembro da comunidade também, da minha infância, né? Eu me lembro de todos, quando eu escuto Sertanejo, do papai e alguns também que gostavam, lembro das pessoas que curtiam, né? E que também as pessoas que já não estão mais aqui curtiam. Lembro do meu tio que faleceu também, ele curtia bastante.”

É possível ver ao longo desses relatos e dos outros presentes no trabalho a conexão da música sertaneja com memória e afetividade. O sertanejo evoca memórias porque como ritmo musical faz parte do cotidiano das famílias e representa os laços afetivos. Apesar de cada participante se conectar com a música a partir das suas vivências pessoais, dos seus sentidos individuais, o estilo está envolto em contextos emocionais e consegue desempenhar uma função sentimental de representar significados para uma coletividade. Davi escuta a música sertaneja como forma de lembrar de casa, lembrar de Paracatu:

“Eu me conecto com a linguagem que é tipo se você pega o mineiro e o goiano, por exemplo, não é que fala igual, mas se entende melhor, o jeito de falar do que, por exemplo, você joga brasileiro, ou carioca, ou paulista, ou nordestino. Então, acho que a linguagem também acaba pegando bastante, sabe? Dos

“bão”, do “trem”, pegando bastante. Além dessa questão dos sentimentos, principalmente sobre amores e sofrência. Acho que são as coisas mais que me conectam, principalmente quando eu escuto fora do DF. Quando escuto fora de Minas, pra mim, acaba pegando mais a linguagem. Me lembra casa e eu não sinto tão peixe fora d’água e quando eu tô em casa é mais a questão do sentimento mesmo. Relembra a gente as coisas que gente já sabe?”

O sotaque dos cantores, a forma de falar, a linguagem, conecta Davi a sua cidade de origem, sua cultura regional, seu jeito de ser e se comunicar. Quando Davi escuta sertanejo longe de casa, ele utiliza a música como forma de se lembrar e se identificar. Porém quando volta a Paracatu para ver a família, Davi se conecta a temática de amor e sofrência. Assim o sertanejo tem funções diferentes para Davi a depender do espaço em que se está, seu estado emocional e questões sentimentais. Amanda e Pauliany tem a mesma memória afetiva conectada à música “Tentei te esquecer” que as relembram do pai e momentos de descontração em família. Segundo Amanda:

“Quando a gente era bem pequenininha, eu e minha irmã ela é quatro anos mais velha que eu. Eu tinha cerca de, sei lá, quatro anos. É uma memória muito específica que é aquela música “Tentei Te Esquecer”, mas é que tem uma parte que as backing vocals falam “chanana” e toda vez a minha irmã fazia e aí meu pai começou a zoar ela por tipo seis meses, mas toda vez que essa música passa meu pai zoa ela, tipo, faz o “chanana” igual o que ela fazia quando ela era pequena, então toda vez que passa eu lembro do meu pai”

Lana também se recorda de pessoas importantes para ela, como suas tias e sua avó. Ela conta como foi desenvolvido seu gosto pelo sertanejo do modão ao universitário por meio de algumas lembranças familiares. Além de explicitar o caráter geracional que o sertanejo possuiu em sua família e que se mantém presente por meio das memórias:

“Eu acho que foi muito natural, assim, não foi uma coisa de uma vez, porque eu tinha uma vizinha que ela escutava muito também. Aí, eu já fui tendo aquilo no meu convívio, minhas tias também escutam. Mais as minhas tias, as avós que gostam do modão, minha avó e tal, mas eu sempre tenho carinho mais por esse estilo, por causa delas. Me lembra muito e a minha mãe falou que também a avó dela, que é a minha bisavó, ela é muito apegada a ela, aí ela sempre escuta e sempre lembra dela. Aí tem toda uma coisa afetiva.”

Brunno de 19 anos, estudante de engenharia de software tem memórias afetivas do sertanejo com um amigo, ao escutar uma música específica se recorda da adolescência e desse momento vivido socialmente em grupo: “Eu tenho amigo meu, ele estudou comigo no terceiro ano. Aí ele gostava de uma menina, a menina foi e deu um fora nele. Aí toda vez que eu escuto a música, eu lembro exatamente do momento que ela deu o fora nele e ele ficou triste. Ficou dois meses triste na sala de aula”. A fala de Brunno representa uma lembrança entre amigos conectada ao sertanejo, mas também exemplifica o que será tratado mais adiante sobre a importância da “sofrência” para os ouvintes. Erick também lembra de um amigo quando pensa em bons momentos com a música sertaneja:

“Uma outra memória que talvez seja mais presente e seja mais recente é tem amigo meu, a gente tem amigo, amigo comum e aí ele apresentou a gente e ele gosta muito de tocar também, cantar. No rolezinho que a gente faz em casa, esses dias a gente pegou o violão, foi nós dois lá na casa dele, juntou com o pessoal assim, ficou cantando, tocando lá, foi bem legal, a experiência foi bem divertida.”

Na fala de Erick fica visível, mais uma vez, o caráter da sociabilidade que a música sertaneja evoca. Ela se expande para além da família e promove encontros entre amigos permeados pela música e momentos prazerosos em conjunto. A música sertaneja evoca lembranças de pessoas importantes remetendo a sentimentos valiosos do passado. Thalita relembra com carinho do rádio em que seu pai escutava música e comenta rapidamente sobre a importância da música no seu relacionamento com seu namorado:

“A primeira vez que meus pais separaram eu tinha acho que acho que era 8, 9 anos, por aí. Aí meu pai tinha esse radinho e aí na época tava tocando uma música que fez muito sucesso, que eu escuto até hoje também, que é “Mala Pronta”, quando minha mãe saiu de casa. Tem uma que marcou muito meu relacionamento, da Luíza e Maurílio, mas assim, acho que vários nomes na minha vida marcaram, assim, por causa do sertanejo, mesmo. Eu queria tanto ter guardado esse radinho porque ele me traz essa boa lembrança, aí hoje eu nem sei mais por onde anda e nem sei onde eu acharia esse modelo dele porque é tão de pilha”.

Além da Thalita, o Arthur também se recorda de momentos com o pai como em viagens de carro e recorda do avô, por meio da música sertaneja, de quem guarda muito carinho e admiração:

“Ouvindo uma coisa que, pô, eu vou te contar como é era o cheiro do mato quando eu era criança. É poético, é identitário, é muito profundo. Viajando com meu pai, dentro do carro, a gente escutando uma parada, meu avô também, como meu avô faleceu e aí...Acho que meu avô foi o homem mais “foda” que eu conheci. Me ensinou muito sem falar nada. Aquela pessoa que quando parte você começa a entender, como você amadurece e acho que um pouco da lembrança do campo é para lembrar do meu avô... Porque acho que isso é ensinamento que eu tenho também de como ser uma pessoa boa.”

Os entrevistados acima que relembra pessoas queridas e histórias com a música compartilham do gosto pelo sertanejo e o utiliza com função para sentir e recordar momentos especiais. A música sertaneja também serve e se encaixa como identificação de si mesmo, seu lugar de origem e ao pensar na sensação de pertencimento familiar. A música sertaneja é um repositório de memórias afetivas, que conecta pessoas, lugares e épocas de forma emocional. As canções sertanejas são capazes, assim, de contar histórias de cada um dos participantes fazendo parte de trajetórias e identidade. Um subgênero importantíssimo é o feminejo que foi citado por 11 entrevistados, homens e mulheres. Para Isabelle, Davi, Igor, Israel, Ágata, Rafaela, Pauliany, Nathalia, Zé Neto e Pedro A., o feminejo, representado pela Marília

Mendonça como artista principal, significa um outro olhar, novas histórias possíveis de identificação e representatividade na música sertaneja. O movimento do feminejo representa um novo momento no estilo musical porque trouxe novas vozes, perspectivas e narrativas através da presença feminina e pela mudança do eu-lírico. O feminejo se demonstra importante porque permite a identificação de novas pessoas e é um símbolo de representatividade. A Nathalia tem a Marília Mendonça como artista mais ouvida porque consegue se reconhecer: “Eu gosto pessoalmente do sertanejo feminino, né? Acho que sempre foi algo meio sobre homens, né? Eu acho que da Marília pra frente começou a ser algo sobre mulheres falando, sobre coisas de mulheres também.” O feminejo trouxe uma nova abordagem para o sertanejo, ampliou seu alcance e relevância. As canções passaram a abordar temas como autoestima, relacionamentos a partir da perspectiva feminina, liberdade e independência. Essa mudança ressoa nas experiências de mulheres brasileiras. A Ágata fala sobre seu gosto pelo feminejo: “O que foi massa da Marília Mendonça, por exemplo, quando ela explodiu, foi justamente esse rolê de falar nessa perspectiva feminina e, por exemplo, a Marília Mendonça já fez música com a perspectiva de amante, já fez música com a perspectiva de prostituta, entendeu? Então, isso é muito, é interessante”. Para Nathalia, a Marília Mendonça consegue transmitir em música dores, sofrimentos e vontades suas e de outras mulheres:

“Cara, tem uma da Marília que eu gosto muito. Troca de Calçada, pra mim sempre foi uma música muito, muito marcante porque fala sobre uma mulher, né? Óbvio, com qual as pessoas simplesmente não querem estar perto dela. As pessoas veem ela e trocam de caçada, literalmente, né? Então, é tanta aversão que eles têm de uma mulher com personalidade, com força, presença... Pra mim sempre teve tipo mais peso emocional sabe? Uma pressão até social, que eu sempre sofri muito, né? Eu sou uma mulher “desfem”, né? Que é importante. É um fator que é muito importante pra mim e pra mulher “desfem”, o afeto sempre foi algo muito, muito negado, né? De você ser vista, de você ser reconhecida, sabe? Então, essa música sempre que escutava, eu me sentia no lugar dessa mulher que a Marília fala, né? Que sonhava em se casar dia, não queria fazer vergonha pra família, sabe? Então, tipo, pra mim é uma música que mexe comigo, assim.”

O fenômeno do feminejo aborda a realidade feminina o que torna possível a identificação nas músicas pelas temáticas e experiências vividas. Para Nathalia, a música citada representa sentimentos que ela tem a partir da sua realidade e interação com o mundo social como uma mulher “desfem”. Sendo assim, o feminejo é mais um aspecto da música sertaneja que possibilita a identificação e a conexão de sentimentos de pertencimentos através das emoções. Outra categoria de grande relevância e abrangência na presente pesquisa, é a “sofrência” que tem 21 entrevistados representados. A “sofrência” é um dos pilares mais marcantes e duradouros da música sertaneja. É um elemento que conquistou o público e se tornou uma identidade emocional dentro da música. A “sofrência” na música sertaneja é uma

expressão cultural que ressoa profundamente com as experiências dos ouvintes e se caracteriza pelas letras de amor não correspondido, traição, saudade e decepção. A “sofrência” sertaneja tem um apelo significativo porque fala de sentimentos que todas as pessoas podem, em algum momento da vida, vir a experimentar. A conexão emocional faz com que o público se apegue às canções que se tornam presentes em momentos de tristeza ou de reflexão. Lucas se conecta ao sertanejo através de sentimentos que o tocam e consegue se identificar com a música de forma empática:

“Eu acho a letra muito bonita porque assim, quando eu digo que eu gosto de música sertaneja, eu gosto de uma música que tem uma história pra contar. Claro, eu tenho uma preferência por esse sertanejo mais romântico, sertanejo que conta uma história de amor porque eu acho que me estimula de alguma forma, desperta alguns sentimentos em mim que me fazem ter, às vezes, empatia por aquela pessoa que está contando a história, digamos assim. Eu acho que o principal, eu acho que eu sinto como se eu estivesse vivendo aquela história. Então, eu acho que quando eu estou escutando uma música dessas que chama meu sentimento, que me toca de alguma forma, eu tento me imaginar no lugar da pessoa. Então eu fico me imaginando no lugar do pobre coitado”.

Pedro A. de 22 anos e estudante de história, utiliza a música sertaneja para acessar suas emoções. Ele tem memórias positivas, felizes com o sertanejo, mas também gosta de escutar o ritmo quando se sente triste:

“Então, por isso aí, eu uso o sertanejo mais pra conectar comigo mesmo, por isso das músicas de sofrência. assim, quando eu tô sofrendo, mas é porque é necessário sofrer, quando eu vou sofrer, tá ligado? Aí, eu tenho que me entregar à sofrência. Eu também tenho uma conexão com bons momentos da minha vida. O meu primeiro beijo foi ao som de Marina Mendonça num show sertanejo, em um festival, no Festeja.

A música sertaneja está presente para Pedro A. tanto em momentos positivos quanto em momentos que se é necessário acolher o sofrimento. Já Frank ao ser perguntado se o sertanejo já lhe ofereceu apoio emocional, responde: “Já chorei por amor ouvindo sertanejo, pior que já. Já foi conforto emocional, sim. A maioria das músicas de sertanejo o cara vai estar falando do amor, da ex dele, então se você tiver terminado um relacionamento e for escutar sertanejo, você pode se preparar”. Frank revela em seu comentário que o sertanejo tem a capacidade de trazer à tona sentimentos pelo momento emocional que se está e a temática das canções sertanejas. Ao ser perguntada por que se conecta a temática da “sofrência”, Amanda diz:

“É sobre reconhecimento, se reconhecer porque tem vezes que você sente algo e o sertanejo consegue descrever muito bem. Eu acho isso muito incrível porque a gente fala de sertanejo e tem gente que já pensa: “Ah traição”, tem muito esses estereótipos, mas tem pra traição, tem pra amor, tem pra pessoa que tá no vai e vem, tem para aquela pessoa que tá sofrendo por algo que nem aconteceu, tem pra pessoa que tá sofrendo por algo que aconteceu há mil anos atrás. Então eu acho que é uma coisa tão eclética e no ritmo também.

Para Amanda, as letras das músicas sertanejas falam de várias formas de relacionamento que acaba por englobar, em sua visão a maioria das situações possíveis de identificação da própria realidade com a canção. Independente do estilo de relacionamento que se tem, qualquer um pode se sentir reconhecido porque o sertanejo engloba diversos temas e formatos de relação românticas. A Ágata possui a mesma perspectiva que Amanda e acrescenta que o sertanejo gera identificação não apenas pelo momento presente, mas pela memória:

“Acho que o sertanejo, tem muito isso de falar de coisas muito presentes na vida amorosa das pessoas e eu acho que é dos fatores também que o sertanejo acaba sendo muito presente porque ele consegue comunicar sobre questões amorosas que as pessoas passam muito bem, tanto se apaixonar, quanto se decepcionar, quanto ser corneado, enfim. Você se identifica não só para uma questão presente, mas para uma questão passada. Tipo, você escuta o sertanejo, escuta a letra e aí você pensa uma coisa que você já viveu, não necessariamente que você está vivendo, mas se você está vivendo uma questão amorosa e tudo mais, vai ter música sertaneja que vai representar aquela situação”.

Camila conta que se identifica com a música sertaneja através da “sofrência” e das mais variadas temáticas do ritmo. Ela aprecia a variedade de músicas que evocam sentimentos e conta dessa relação desde sua infância:

“O sertanejo tem tema muito, digamos assim, você se reconhece de uma forma muito fácil. Porque ele vai falar do dia a dia, vai falar de amizade, vai falar de romance, vai falar de traição, vai falar de sofrimento, de alegria. Então ele tem várias possibilidades, A música te entrega várias possibilidades. Então a gente se identifica. Até eu, quando eu era criancinha. Não entendia muita coisa, mas acabavam me identificando com uma frase ou outra. Quando falava do ar do sertão ali, eu falava, nossa, eu lembro que sou aqui, do sítio da minha tia. Então a gente se identifica. Às vezes você nem tá sofrendo, mas quando você coloca aquela música, parece que você sofre junto com o compositor, com o artista.”

O que fica visível na fala de Camila e vai se apresentar na fala de Rafaela também, é que muitas vezes não é necessário estar em sofrimento por um relacionamento amoroso para se conectar à música e sentir sua mensagem. A interpretação dos artistas também é um ponto que evoca as emoções. Rafaela gosta de se relacionar com seus sentimentos:

“Eu acho que mais amor e relacionamento porque a música que eu gosto de escutar é assim, é muito sofrido, é mais pro amor e relacionamento mesmo, mas, tipo assim, eu sofri, mas porque eu gosto de sofrer porque na época não tinha motivo. Principalmente quando era, tipo assim, pré adolescente ou criança, sofria com sertanejo, sem motivo nenhum.”

Pauliany, assim como Lucas, se conecta com a “sofrência” de forma empática. A “sofrência” reflete uma forma expressiva de lidar com as emoções. As músicas sertanejas permitem a externalização de sentimentos e ao cantar as músicas, a sensação de solidão pode ser amenizada:

“Eu gosto mais dos que contam história mesmo. Independente da história que esteja contando, eu prefiro os que contam história. Eu acho que eu sou uma pessoa muito empática. Então, mesmo que eu não esteja passando pela mesma

coisa, escuto e parece que eu sinto a música mesmo. Então, tudo o que eles cantam me toca porque mesmo não estando sofrendo por amor, nada supera, mesmo na tristeza você pegar e cantar, sei lá, Bruno e Marrone com todas as suas forças, é maravilhoso.”

A música sertaneja possui, muitas vezes a função de apoio emocional e a “sofrência” ao retratar tramas amorosas, serve como esse suporte em momentos de sofrimento pela identificação com a temática. Erick conta da participação do sertanejo no momento de superação de uma decepção amorosa e continua que mesmo não estando triste gosta de ouvir as canções que falam sobre dor:

“Ano passado eu tinha terminado um relacionamento e era só superação, sofrência, bebidas e festas, então variava muito. É assim, ao mesmo tempo que ofereceu certo suporte, que às vezes eu escuto, às vezes tô meio cansado, meio pra baixo, assim, às vezes eu boto e falo: “Não! Vou escutar aqui pra ver se eu fico animado”, mas às vezes também por exemplo, eu tava triste lá, aí tinha duas situações, né? Às vezes a música me lembrava muito ela, aí escutava e ficava triste. Às vezes a música era animada e aí escutava e ficava animado. Por mais que a música seja triste, mais que a música seja melancólica, às vezes, se ela tem vibe legal, uma batida legal, coisa assim, acho divertido. Dá pra brincar de sofrer.”

O Gustavo também gosta bastante da “sofrência”. Para ele são muitos sentimentos que a música sertaneja evoca e ele consegue se conectar de forma profunda as temáticas que são cantadas:

“Essa temática pouco mais romântica e às vezes de, ou de rejeição, ou de perda, ou de não conseguir a pessoa que você gosta etc. Então é mais nesse jeito que eu gosto. Ih, Maria! Tem algumas que dão esperança, algumas que dão tristeza ou saudade, algumas que dão, sei lá, talvez até culpa: “Nossa, se eu não tivesse sido tão...Eu não estaria sofrendo com essa música agora”. Vai saber, de vez quando eu sinto conforto.”

A Thalita e o Zé Neto, assim como a Rafaela e a Camila escutam a “sofrência” sem estarem tristes ou sofrendo por relações amorosas, possível de observar na fala de Thalita: “Mas eu acho que eu gosto mais assim do, não sei, do romântico ou daqueles que falam muito, não sei, é da sofrência, não é verdade? Porque tem uns que, nossa! Eu gosto muito, é aquele modão assim, bem sofrido, meu Deus! Eu nunca passei por nada naquilo, mas eu soffro.” Zé Neto ao ouvir a “sofrência” chora de felicidade. Ele se identifica com os sentimentos apresentados, apesar de não ter sofrido por relacionamentos amorosos: “Nossa, eu sinto muita felicidade. Por mais que o sertanejo sempre, as letras passam a questão de chifre, relacionamentos. Eu ainda não vivi nenhum relacionamento, mas eu sinto como se eu tivesse vivido e começo a ter felicidade de chorar. Não tem nenhum outro ritmo musical que eu goste igual o Sertanejo.” A “sofrência”, apesar do seu nome evocar sofrimento, não evoca somente tristeza, pois como observado nas falas dos entrevistados percebe-se que o estilo ajuda a lidar com sentimentos, traz conforto, alívio e até ameniza dores emocionais. Apesar do sentimento compartilhado pelo

estilo, que é o “sofrer com algo”, cada indivíduo tem seus sentidos próprios, sua leitura e aceitação das letras e músicas.

Eixo 3 - Sociabilidade e espaços de lazer

O eixo 3 tem como enfoque pensar a sociabilidade como influência na preferência pela música sertaneja. O primeiro tópico se volta para a importância das relações sociais afetivas, como as amizades, no desenvolvimento do gosto musical pelo sertanejo. Como exposto no eixo 1, vinte e dois participantes tiveram influência direta da família na formação da preferência pelo ritmo. Lucas, Pedro A. e Brunno citam amigos próximos como a forma de introdução ao sertanejo. A única exceção que não apresenta ninguém próximo ou importante como influenciador de seu gosto musical é Gabriel de 22 anos, estudante de letras e músico. Gabriel tem apreço pela música sertaneja como estudioso e valoriza a parte técnica da composição e forma cantar e tocar as músicas:

“Mas acho que o pessoal que é da música, tudo isso é bem referência, a gente é muito curioso, né? Eu ouço de tudo, eu conheço todas as referências. eu adoro. Eu gosto muito de viola caipira, também por isso, né? Primeiro que eu adoro esse negócio de cantar em terças, acho que é muito legal. Tem cantor principal e o outro canta três tons acima, aí fica aquela coisa clássica do sertanejo.”

Apesar de não ter influência como os outros entrevistados, ele afirma que consegue se identificar com as músicas pela temática da “sofrendência”, visto no eixo 2: “Eu acho muito legal também como é esse estilo específico que eu ouço mais: o sertanejo dos anos 80 e 90, começo dos 2000. É muito melodramático, muito bregão. A pessoa está muito na mal. Terminei, traído. Eu consigo me identificar, eu acho. De jeito muito extremo. É tão brega que acaba conseguindo se identificar”. Gabriel escuta a música sertaneja em meios sociais e fala da conexão que a música pode trazer. Ele gosta e valoriza como é um ritmo conhecido e que agrada muitas pessoas: “Eu escuto, às vezes com amigas, algumas que são músicas também, e escuto com minha namorada. Às vezes quando eu tenho algum rolê, eu coloco, porque as pessoas geralmente gostam. Então você canta, as pessoas conhecem, você vai num rolê, todo mundo conhece a música”. Ao ser perguntado do porquê ele acha que as pessoas se conectam a música sertaneja, Gabriel responde:

“É uma coisa muito sobre identificação, fazer parte do grupo, usar aquela música como, tipo uma coisa que você tem em comum para se conectar com os outros. O conteúdo também, onde você vai para ouvir aquela música, ouvir aquela memória efetiva. Acho que tem mais a ver com isso, com a música si. Dado a exposição, você pode acabar gostando de qualquer estilo”

Por ser músico e não ter sido influenciado por alguém de sua família ou amigo próximo a gostar da música sertaneja, Gabriel tem uma relação diferente com o estilo dos outros

entrevistados. Mesmo assim, Gabriel valoriza o sertanejo, escuta no seu dia a dia, compartilha com pessoas que gosta e o utiliza como referência nos seus estudos da música. O sertanejo é um ritmo que te convida a socializar e compartilhar com outros. Por meio dos sentimentos, da memória, da “sofrência”, das identificações e reconhecimentos. o sertanejo é bastante expressivo em um movimento que puxa o sujeito da individualidade para a coletividade. Como dito na introdução do eixo, Brunno, Lucas e Pedro A. tiveram a influência da música sertaneja por meio de amigos no convívio do dia a dia. Como visto até aqui, o sertanejo une as pessoas de várias formas diferentes e por meio de muitos sentimentos e significações. O processo de conexão da música também se dá por meio e com os amigos. Brunno conta que foi no período da adolescência que passou a se interessar pelo sertanejo mais fortemente por um interesse amoroso juvenil e se manteve após isso na convivência com outros amigos: “Foi na adolescência. Tinha uma menina que eu gostava na escola. Aí ela escutava. Aí eu comecei a escutar pra comentar com ela, pra acompanhar ela. Aí ela era muito fã de Marília Mendonça comecei a escutar as músicas dela”. Para Lucas, o sertanejo sempre esteve presente em Luziânia, onde nasceu, mas não especificamente dentro de casa. Sua mãe tem preferência pela MPB e seu pai pelo rock nacional. Foi a partir do início da adolescência, por meio de seus amigos que o sertanejo se fez presente e passou a constituir seu gosto musical de forma predominante:

“Então assim, sei lá, dos meus 12 anos pra frente, sertanejo tomou contra minha vida. Eu sempre fui muito pra fazenda dos meus amigos. Minha família não tem terras, mas a gente costumava ir pra fazenda dos colegas de escola e tudo mais e acho que muito por influência deles, dos pais deles, que gostavam de sentar e ouvir uma música sertaneja, eu acabei pegando gosto muito grande. Também assim, as amizades que a gente vai fazendo, eu toco violão tem alguns anos e nas rodinhas de amigos a gente ouvia muito sertanejo, então acho que foi a partir daí que eu comecei realmente a pegar o gosto.”

Pedro A. também não foi apresentado ao sertanejo pela família, apesar de hoje compartilhar o gosto com a irmã. Ele desenvolveu a apreço pelo sertanejo pelo avô de um amigo durante sua rotina na infância:

“Eu cheguei no sertanejo já no universitário, porque meus pais detestam o sertanejo. Só que aí eu pegava, era assim, eu tenho amigo lá que gente morava no mesmo prédio, aí meu pai levava a gente pra escola e o avô dele buscava e levava pro futebol e aí a gente morava em Samabaia e a escolhinha era aqui no plano, então a gente pegava o horário de pico para voltar para casa. o trânsito todinho os “dez mandamentos do amor para conquistar uma mulher” e quando eu vi eu tava lá. Aí eu comecei a gostar do sertanejo universitário porque só tocava isso, era só a “Club FM” lá.

Os três tem trajetórias diferentes com a música sertaneja em comparação com os outros 22 participantes da pesquisa que receberam influência direta da família no gosto musical. Com o passar do tempo, a preferência pelo sertanejo de Brunno, Lucas e Pedro A. foi aumentando

conforme conviviam com seus grupos sociais. Eles têm experiências compartilhadas com os amigos por meio do estilo musical que fortalecem seus laços de amizade e cria memórias presentes hoje em seus cotidianos. Brunno conta das reuniões com os amigos com o objetivo de socialização em que o sertanejo está presente. Ele relata que a música sertaneja está presente em eventos de família, porém foi apenas a partir de seu interesse romântico e da convivência com os amigos que o apreço pelo ritmo aconteceu:

“Mas geralmente quando eu boto sertanejo, ou eu tô com, sei lá, tô bebendo com os amigos, tô conversando com alguém, ou como eu te disse, eu tô sozinho, fazendo alguma coisa pra faculdade, mas eu diria que são mais pros momentos felizes, assim, de comemoração. Ó, final do semestre agora a gente fez uma confraternização da faculdade dos amigos, aí aquele churrasco com piscina normal, né? Aí geralmente tem sertanejo., Tem as festas aqui em casa também, tudo é churrasqueira. A gente não faz festa normal, tipo de pegar salão de festa. É tipo, sempre churrasco e sempre tem o sertanejo, sempre tem esse tipo de música.”

Lucas relembra a reunião de amigos na fazenda Água Limpa para celebrar a formatura do Moisés:

“Esse evento foi a formatura do Moisés. Eles fizeram uma confraternização lá. Quando fomos, ele pediu pra que eu levasse o violão. Nesse dia foi churrasco. Tinha muita gente bebendo. Mas normalmente a galera começa a beber, e aí quanto mais bêbado, fica, aí eu começo a tocar que aí diminui o critério de qualidade e fica mais tranquilo.”

Ele também conta que tem um grupo musical com os amigos e estão sempre reunidos para montar repertório. O grupo de Lucas, montado por amigos dele são em sua maioria alunos da Universidade de Brasília e conta que já se apresentaram na feira do produtor que acontece na fazenda Água Limpa. Lucas diz que gosta de cantar para os amigos:

“Eu gosto muito dessa música (Joia Falsa) pelo sentimento que desperta em outras pessoas. A gente juntava pra tocar essa música pra roda de amigos, churrasco com os amigos e às vezes eu via que muitos dos meus amigos se emocionavam quando eu tava cantando essa música, tocando essa música. E com essa música, eu criei sentimento muito grande por isso. Eu gostava de ver que os meus amigos estavam talvez compartilhando do mesmo sentimento que eu tava compartilhando.”

É notável a importância do sertanejo na união dos grupos sociais. Assim como em festas de família, o sertanejo é palco para as interações e construções de laços afetivos e memórias entre amigos em reuniões. As reuniões têm como objetivo a sociabilidade e promover as interações sociais, fortalecendo as relações sociais. Para além do espaço da “casa” onde se forma e se manifesta o gosto pelo sertanejo na vida cotidiana permeada por afetividade e emoções, como visto nas falas acima, há outros espaços de reunião em que a música também se manifesta por outros grupos sociais. Aqui, é possível a utilização do conceito de “pedaço” de Magnani (2005) como um espaço mais abrangente que a “casa” e que representa o lugar dos

“chegados”. Pedro M., durante a entrevista ao ser perguntado sobre seus grupos sociais e amigos na faculdade, afirma que apesar de cursar direito, frequenta o Centro Acadêmico de agronomia na Universidade de Brasília: “Tem, ixé! Demais! Claro, eu não vou mentir pra você, é o público de agronomia. A galera do meu curso me conhece, a galera de agronomia me conhece como o agrônomo que faz direito. Mas tem, ali na agronomia, eu tenho alguns amigos muito bons amigos que a gente vira e mexe e gente tá lá, vamos pra esses eventos.” No caso de Pedro M., o Centro Acadêmico de agronomia constitui um de seus “pedaços”. Ali ele encontra pessoas com gostos semelhantes aos seus, como pela música sertaneja e por eventos como rodeios e cavalgadas. O Centro Acadêmico de agronomia também é o “pedaço” do Moisés, que foi onde se deu sua entrevista. Ele diz que apesar de estar cursando medicina veterinária, é no espaço da agronomia que formou um grupo social. Moisés se identifica com os outros frequentadores do espaço pela música sertaneja, pelo interesse nos rodeios e no estilo de roupa que são similares aos dele.

“Eu nem tenho outro tipo de roupa que eu possa te falar. Acho que tipo de roupa que eu tenho diferente disso é pra ir pra academia só. Mas eu só ando assim, é calça e bota o dia todo. Não me sinto confortável usando outro tipo de roupa. Eu não me vejo dentro de terno, por exemplo, um sapato usando, não sei, igual os meninos andando aí de calça, tênis”.

A entrevista com o Moisés foi interrompida algumas vezes para que ele pudesse cumprimentar seus colegas e amigos do Centro Acadêmico. A fazenda Água Limpa também é um “pedaço” para Pedro M., Moisés e Lucas. Durante a entrevista Pedro M. apresentou um vídeo da comemoração da formatura de Moisés, citada acima por Lucas. Eles se reúnem com frequência no espaço para socializar ao som de música sertaneja. Erick também possui um “pedaço” em que costuma ir para ouvir sertanejo e interagir com os cantores: “Sempre eu vou no barzinho, eu com a namorada e com o amigo que sempre senta perto do cantor e ele canta todas com ele. Ele vai cantar com a gente, aí senta com a gente depois, conversa depois do show. É bem comum, acabar o show e ele sentar com a gente conversar, tomar umas cervejas depois”. Thalita também tem um bar como “pedaço” para ver amigos artistas performarem: “como eu falei, a gente gosta de ir nos barzinhos que às vezes nossos amigos vão tocar, né?”. Os dois frequentam os espaços para ouvir a música sertaneja e para interagir com os amigos. Thalita conta que quando não está no bar, faz reuniões na casa de um amigo: “Ou se reúne mesmo na casa de amigo e a gente gosta muito de fazer o rolê de levar o violão e cantar. Tem esses momentos, né? Tá todo mundo animado. A gente compra o microfone, a gente vai fazendo karaokê, aí toca o violão e a gente vai cantando”. A Ágata também frequenta com seu tio, um bar com música ao vivo para apreciar o ritmo:

“O meu tio gosta muito de sertanejo e aí a gente às vezes vai pra um bar que toca sertanejo. Tem a galera cantando sertanejo e tal e é muito legal porque a galera que geralmente canta sertanejo no bar é uma galera mais conectiva, não sei exatamente a palavra que usar, assim, uma galera que costuma buscar muito público, sair do palquinho e cantar com pessoal”

Lana conta que é frequentadora do bar “Barbosinha” no Gama: “Também gosto muito de barzinho que geralmente toca. Aí eu vou, tipo no churrasquinho, o churrasquinho geralmente toca. Eu gosto desse ambiente também. Lá no Gama tem um barzinho que eu gosto muito, que é o Barbosinha, lá perto de casa também”. Os espaços frequentados por Pedro M., Moisés, Lucas, Erick, Thalita, Ágata e Lana se configuram como “pedaços” porque seus frequentadores têm como objetivo a sociabilidade e formam vínculos através do reconhecimento de símbolos compartilhados com outros frequentadores que refletem seu gosto pela música sertaneja.

Além do Centro Acadêmico, da fazenda Água Limpa e dos bares frequentados regularmente para ouvir sertanejo e conviver com pessoas que possuem mesmas preferências, a categoria de “circuito” — mais abrangente — permite observar outras formas de escuta do sertanejo e a sociabilidade que surge junto a ela. De acordo com Magnani (2005), “circuito” se apresenta como uma forma mais independente de relação com o espaço urbano, não contingente, podendo ser reconhecido pelos usuários habituais. Abraão, por exemplo, frequenta vários espaços diferentes para ouvir o ritmo musical, como bares, rodeios e festas que formam em conjunto um “circuito” de escuta e sociabilidade do sertanejo: “Eu acho que é muito pelo momento. É igual você estar no barzinho, tá tocando sertanejo e isso acaba gerando essa conexão pelo momento que eu tô ali. Toca um clássico do sertanejo, você vê as pessoas cantando, levantam o copo, bebem, é muito pelo momento. Ou se você tá numa festa, você tá no rodeio, às vezes e tá tocando agro”. Camila frequenta bares com a família, rodeios e shows de música sertaneja e conta sobre a sociabilidade nesses espaços. Ela costuma frequentar os bares com as irmãs, o cunhado e alguns amigos. Sobre os rodeios, ela diz que o jeito de se vestir de todos é parecido e chama a atenção e comenta sobre o último festival que foi:

“O show eu já senti algo um pouco mais diferente porque parecia que as pessoas estavam ali mais para socializar. Então tinha gente de todas as idades. Eu fiquei numa área que tinha open bar, então muita gente bebendo, conversando, ouvia as músicas, interagia com os cantores, tem momento que eles conversam com o público, interagem. Então as pessoas conversam, interagem com o artista, alguns dançando, principalmente quem gosta de casal, dançam também.”

Amanda diz que sempre que pode vai a shows e eventos de música sertaneja. Ela cita o show da Marília Mendonça e o show do Hugo e Guilherme no Festival do Sol. Thalita também gosta do Hugo e Guilherme: “Quando eu descobri o Guilherme, eu fiquei assim, com hiperfoco, eu acho. Só escutava Hugo e Guilherme. Tanto que eu fiz meus amigos comprarem passagem

pra gente ir pra Goiânia, ver o “No Pelo” que é o projeto deles. E aí a gente foi pra Goiânia, a gente viu o show, e foi muito bom”. Thalita conta que também foi no show deles em Brasília, da gravação do DVD. Então, além do bar, Thalita tem o costume de frequentar shows de música sertaneja que acabam por formar um “circuito” de música sertaneja. Shayra conta que também frequenta shows de seus artistas favoritos. Ela assistiu o Hugo e o Guilherme no festival Festeja em Brasília, foi para Verão Sertanejo em Caldas Novas, para o festival Histórias em Goiânia com a mãe e foi para a Festa do Peão de Barretos:

“É perfeito. Acho que tudo, a energia, as provas que tem dos cavalos, tudo, tudo, tudo. É muito perfeito. É todo sertanejo. É 11 dias de evento, então é 11 dias de show. As provas acontecem durante mais cedo, né? No último domingo, que é o último dia, a final de tudo, tipo assim, é aquele ar de competição, é aquele, aquela energia muito massa. E sem contar os shows que vão dentro da arena. É Zezé de Camargo e Lucino, Luan Santana, Hugo e Guilherme, então, tipo assim, todos, eu já fui dois anos consecutivos.”

Além do bar, Lana relata que também frequenta shows do ritmo musical como do Jorge e Matheus no Na Praia e do Henrique e Juliano. Zé Neto também faz parte do “circuito” sertanejo. Ele conta da sua experiência no Caldas Country em Caldas Novas: “Foi muito, muito incrível. Eu acho que todo mundo deveria viver a experiência porque lá acontece o show sertanejo que é o foco principal do evento. Aí depois do show sertanejo, quando acaba, às 7 horas da manhã, vem o trio elétrico. Tem que ter pique”. Zé Neto fala sobre socialização nesses eventos: “A gente faz amizade com povo que a gente nem percebe. A gente faz amizade muito fácil. Do nada, como o cantor tá lá cantando uma música, a gente tá cantando assim, aí do nada aparece uma pessoa do lado cantando junto e abraça. Vira amigo, já anda no show junto, depois a gente some.”

Foi demonstrado nos relatos acima, que o sertanejo se manifesta no espaço urbano principalmente nos bares e eventos como festivais e shows voltados para o estilo musical. Esses lugares são voltados para a sociabilidade por meio da música e bebida criando ambientes onde as pessoas podem se conectar e compartilhar. Nos bares sertanejos, a música funciona como catalisadora de interações sociais. Os festivais e shows são espaços de troca cultural em que a sociabilidade ganha uma dimensão maior e fortalece a sensação de pertencimento a partir de uma experiência coletiva.

CONCLUSÃO

Em conclusão, os resultados, foram organizados em 3 eixos temáticos, divididos em tópicos. Em cada um deles, as falas dos entrevistados foram citadas de acordo com as categorias

de pertencimento, refletindo a forma como se escutam e atribuem significado ao sertanejo. No eixo 1 foram tratadas as questões de influência do local de nascimento, as diferenças da universalidade do sertanejo no Goiás em comparação com a presença de outros ritmos em Brasília. Também o interesse na temática “Estilo de Vida” em paralelo com as influências do meio rural e experiências no campo. O último tópico do eixo 1, se dedicou a tratar da influência familiar no gosto pelo sertanejo. O eixo 2 propõe expandir o tópico da família em memórias da infância e como a música sertaneja se manifesta dentro das casas nas rotinas familiares permeadas por afeto. Também foi desenvolvida a importância do feminejo em um processo de reconhecimento nas canções e a “sofrência” como temática favorita e basal do estilo musical assim como se reverbera, manifesta e acolhe seus ouvintes. Por fim, o eixo 3 se dedicou a pensar as amizades e sociabilidade a partir do sertanejo, assim como nos espaços urbanos em que se manifesta.

Como observado, os 26 participantes demonstram conexões emocionais, memórias afetivas, sentimentos de pertencimento e construção de identidade com o ritmo musical trabalhado. Alguns relembram a infância, outros lembram de seus familiares e de momentos em família e outros se conectam com amigos. Vinte e dois participantes afirmam que a influência e o início do gosto pelo sertanejo se desenvolveram dentro de casa, em momentos em família, seja presente em tarefas domésticas ou em reuniões familiares de celebração. Vinte e um entrevistados afirmam se conectar com a “sofrência” sertaneja e utilizam o ritmo para acessar suas emoções e seis pessoas se conectam fortemente às suas raízes através da música. Como apresentado, o sertanejo tem forte conexão com a família, com tradição e afetividade, se dando no espaço da “casa”, assim como forma identidades, está presente no dia a dia e em celebrações acompanhadas de socialização, comida, bebida e dança. O sertanejo também conecta grupos de amigos que se reúnem para ouvir a música e celebrar e se manifestam no espaço urbano em “pedaços” como bares e “circuitos” como os shows e rodeios.

O fenômeno sertanejo tem repercussão e alcance nacional, permeado de significações e possível de ser analisado por meio dos mais variados recortes. Assim, a perspectiva sociológica sobre o sertanejo, permite muitas outras pesquisas com o gênero. É possível observar as reuniões e celebrações familiares com a presença da música sertaneja a partir da perspectiva de rito e ritual, assim como nas tarefas domésticas de limpeza. Pode-se elaborar a análise dos espaços de sociabilidade por meio da observação participante em bares e eventos, com o enfoque nas interações. Também é possível centralizar a análise em pesquisas futuras nas relações geracionais e as diferenças de significação da música, incluindo outras faixas etárias como recorte, inclusive a relação dos adolescentes com o gênero. Outro ponto de

interesse na perspectiva das relações sociais, é a forma como a música sertaneja marca ou se faz presente em relacionamentos amorosos/afetivos, evidenciando suas conexões com as dinâmicas sociais e emocionais dos sujeitos.

A partir da análise do sertanejo por meio das interações e relações sociais, dos sentidos, significados, emoções, memória e da sociabilidade e afeto conclui-se que, enquanto gênero musical presente no cotidiano, seja por meio da temática “estilo de vida” ou “sofrência”, no espaço da “casa”, “pedaço”, “circuito” ou em meios sociais, sempre “convida para fora”. O sertanejo convida para a socialização. É por meio das relações sociais, mais variadas como vimos ao longo do trabalho, que a música sertaneja se desenvolve e dá impulsos afetivos para a criação ou manutenção dessas conexões familiares e de amizade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor, W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos*. 1947. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

AMOR Sertanejo. Direção de Fabrício Bittar e Raphael Erichsen. Brasil: *Clube Filmes*, 2020. Disponível em: <<https://tv.apple.com/br/movie/amor-sertanejo/umc.cmc.3rxx6hfe6qr41ah53pwvdq73>>. Acesso em: 22/04/24.

BRASIL. Lei nº 10.695, de 1º de julho de 2003. Altera dispositivos do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – *Código Penal*, relativos aos crimes de contrabando e descaminho. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2 jul. 2003.

BRÊDA, Lucas. Sertanejo é o estilo musical mais ouvido entre os jovens brasileiros, mostra Datafolha. *Folha de S. Paulo*. 30 de outubro de 2022. DataFolha. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/10/sertanejo-e-o-estilo-musical-mais-ouvido-entre-os-jovens-brasileiros-mostra-datafolha.shtml>>. Acesso em: 26/06/2023.

CALDAS, Waldenyr. *O que é a música sertaneja. Coleção 186 Primeiros Passos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CAMPOS, Luís Melo. A música e os músicos como problema sociológico. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78. 2007. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/756?lang=en>>. Acesso em: 14/10/2024.

CONSUMO de Música no Brasil. *Opinion Box*. Outubro de 2022. Disponível em: <<https://materiais.opinionbox.com/infografico-musica>>. Acesso em: 26/06/2023.

COSTA, Laryssa. O legado de Marília Mendonça: talento e empoderamento feminino. *Terra*, 8 nov. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/musica/o-legado-de-marilia-mendonca-talento-e-empoderamento-feminino,f0555a43c26d23df10a72242fb08a559srg93we0.html>. Acesso em: 30/01/2025.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GRAY, David E. *Pesquisa no Mundo Real*. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

HONNETH, Axel. Teoria Crítica. *Teoria Social Hoje*. 1. ed. São Paulo: UNESP, 1999. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7637964/mod_resource/content/1/GIDDENS%2C%20Anthony_%20TURNER%20%28orgs.%29.%20Teoria%20Social%20hoje%20%281%29.pdf> Acesso em: 10 de maio de 2024.

IFPI. *Engaging with Music*. 2022. Disponível em: <https://www.ifpi.org/wp-content/uploads/2022/11/Engaging-with-Music-2022_full-report.pdf>. Acesso em: 26/06/2023.

Lima, Márcia. (2016). O uso da entrevista na pesquisa empírica. *Métodos de pesquisa em ciências sociais: bloco qualitativo*, 24-41.

LOUREIRO, Bárbara Côrtes; SILVA, Igor Maciel da. Antropólogo no pedaço: entrevista com José Guilherme Cantor Magnani. *Argumentos*, v. 20, n. 1, p. 180-197, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.46551/issn.2527-2551v20n1p.180-197>. Acesso em: 29/01/2025.

MACHADO, Rosi Marques. Da indústria cultural à economia criativa. *Revista Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política*, Rio de Janeiro. v. 18, n. 1, p. 83-95, jan./jun. 2018. Disponível em: <[http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu%2018_artigo%206%20\(pp83%20a%2095\).pdf](http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu%2018_artigo%206%20(pp83%20a%2095).pdf)>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 7, n. 19, p. 25-40, jun. 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 2, p. [174-205], nov. 2005.

MINAYO, M. C. S. (2016). O desafio da pesquisa social. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 9-28). Petrópolis – RJ: Vozes

OLIVEIRA, Lucas. Sertanejo bate recordes e mantém domínio de mais tocadas no Brasil; veja árvore genealógica do gênero. *O Globo*. 16 de maio de 2021. Cultura Música. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/sertanejo-bate-recordes-mantem-dominio-de-mais-tocadas-no-brasil-veja-arvore-genealogica-do-genero-25019754>>. Acesso em: 24/04/2024.

ORTEGA, Rodrigo. Marília Mendonça é a artista mais ouvida no Spotify no Brasil em 2022. *Globo gl*. 30 de novembro de 2022. Circuito Sertanejo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/circuito-sertanejo/noticia/2022/11/30/marilia-mendonca-e-a-artista-mais-ouvida-no-spotify-no-brasil-em-2022.ghtml>>. Acesso em: 26/06/2023.

Peres, A. S. E. P., & Silva, D. C. da. (2019). A PRODUÇÃO SIMBÓLICA DA MULHER NAS CANÇÕES DO “FEMINEJO”. *Revista Homem, Espaço E Tempo*, 13(1), 141–160.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Organização de Evaristo de Moraes Filho. Tradução de Carlos Alberto Pavaneli. São Paulo: Ática, 1983. Disponível em:<<https://online.fliphtml5.com/jtjn/xfkt/#p=2>>. Acesso em: 21/01/2025.

SINTONIA com a Sociedade. O consumo de música no Brasil. *Gente Globo*. 21 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://gente.globo.com/o-consumo-de-musica-no-brasil/>>. Acesso em: 26/06/2023.

SOUZA, Jessé. A sociologia dual de Roberto DaMatta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos autoenganos? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 45, fev. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000100003>. Acesso em: 29/01/2025.

SPOTIFY: lista de mais ouvidos de 2021 é dominada por sertanejos. *Globo gl*. 01 de dezembro de 2021. Pop e Arte. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/12/01/sertanejo-domina-lista-de-mais-ouvidos-do-spotify-em-2021.ghtml>>. Acesso em: 26/06/2023.

TEIXEIRA, Rafael. Bruno e Marrone e a curiosa história do disco pirata que virou oficial e vendeu 500 mil cópias. *Tenho Mais Discos Que Amigos!*. 23 de agosto de 2023. Disponível em: <<https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2023/08/23/bruno-marrone-disco-pirata/>> Acesso em: 22/04/2024.

TERRA, Thaiza. Como o agronejo e 'Terra e Paixão' ajudam a reciclar a reputação do agronegócio. Folha de S.Paulo, Ilustrada, 20 jul. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/07/como-o-agronejo-e-terra-e-paixao-ajudam-a-reciclar-a-reputacao-do-agronegocio.shtml>>. Acesso em: 06/012025.

WAZLAWICK, Patrícia; CAMARGO, Denise de; MAHEIRIE, Kátia. Significados e sentidos da música: uma breve "composição" a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 11, n. 1, p. 29-37, 30 jul. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/W4WkFgKY8ZzqYrBbG4b3CYw/?lang=pt>.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual seu nome, idade, ocupação, local de nascimento, local de nascimento da família?
2. Quando começou a ouvir sertanejo, na infância, adolescência, vida adulta?

3. O que mais te atrai na música sertaneja? Letra, melodia, ritmo, voz dos cantores...
4. Você acha que o sertanejo representa a cultura brasileira? Ou alguma região específica?
5. Na sua visão existe algum estereótipo associado aos fãs de sertanejo?
6. Você tem alguma memória afetiva associada a música sertaneja? Alguma música específica?
7. Quais sentimentos você sente quando escuta sertanejo? Alegria, saudade, tristeza, amor, nostalgia...
8. O sertanejo te oferece ou já ofereceu conforto emocional? Já usou alguma música para lidar com momentos difíceis?
9. Sua família escuta sertanejo?
10. Você vai para eventos de música sertaneja? Como você diria que é a socialização nesses eventos?
11. Quais temas do sertanejo você mais se identifica? Amor/relacionamento, diversão/festas/bebedeira, natureza/vida no campo/estilo de vida...
12. Por que você acha que as pessoas se conectam à música sertaneja?